

CEOS – CENTRO ESPÍRITA OBREIROS DO SENHOR

Histórias para o Planejamento CEOS 2020

Histórias que devem ser narradas, se possível, próximo ao final das palestras, magnetizando o público para que haja correlação e fixação com o conteúdo exposto.

TEMA 1 ROMPENDO O INFORTÚNIO.....	4
TEMA 3 TRATAMENTO "VIP"	6
TEMA 4 FILME CLICK - RESENHA CRÍTICA	9
TEMA 6 A MULTA MAIOR	11
TEMA 7 OLHAR PARA DENTRO DE SI	12
TEMA 8 EXPERIMENTO NA AULA DE FILOSOFIA.....	13
TEMA 10 HISTÓRIA DE UM PÃO.....	15
TEMA 11 SONS INAUDÍVEIS.....	17
TEMA 12 HISTÓRIA DE VIDA	18
TEMA 13 BUDA E O MENDIGO.....	20
TEMA 14 A PANELA DE SOPA.....	24
TEMA 15 O PIRILAMPO	25
TEMA 16 O PODER E AS LEIS DIVINAS	26
TEMA 17 O SENHOR PALHA.....	28
TEMA 18 PROFISSÃO HONRADA.....	31
TEMA 19 REFLEXÕES DO MEU PAI.....	33
TEMA 20 O ENSINO DA LUZ.....	35
TEMA 21 DESTINO E LIVRE ARBÍTRIO.....	36
TEMA 22 AÇÃO DAS TREVAS	38
TEMA 23 O RATO E O MONGE (Da tradição budista)	40
TEMA 24 A GRANDE ILUSÃO	41
TEMA 25 O VELHO E O MAR.....	43
TEMA 26 A HISTÓRIA DO ZÉ ALEGRIA	46
TEMA 27 A LIÇÃO INESQUECÍVEL.....	48
TEMA 28 PONTO DE VISTA.....	50
TEMA 30 BEM AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS	52
TEMA 31 AMIGO DE VERDADE	53
TEMA 32 O ANJO CINZENTO	54

TEMA 33 CARTA A MEU FILHO	56
TEMA 34 A PESCARIA INESQUECÍVEL.....	58
TEMA 35 A SALVAÇÃO INESPERADA	60
TEMA 36 TRÊS ALMAS.....	61
TEMA 37 DOR SUFICIENTE.....	63
TEMA 38 OLHAR PARA DENTRO DE SI	64
TEMA 39 O MÉDICO.....	65
TEMA 41 HISTÓRIA DE UMA MÃE	66
TEMA 43 PORQUE IR AO TEMPLO RELIGIOSO?.....	68
TEMA 44 ÁGUIA ENTRE GALINHAS	69
TEMA 45 A LEMBRANÇA E O SAL.....	71
TEMA 47 O SERVIÇO DA PERFEIÇÃO	72
TEMA 48 DEUS RESPONDE SEMPRE.....	73
TEMA 49 DAR E DEIXAR.....	75
TEMA 51 O VISITANTE.....	77
TEMA 52 PROJETO DE VIDA.....	80
TEMA 1A/2021 DIAMANTE NAS SACOLAS.....	83

TEMA 1

ROMPENDO O INFORTÚNIO

Um pequeno caranguejo construiu para si um aconchegante abrigo, perfurando o solo arenoso do mar, em local onde a areia da praia estava enxuta e aquecida pelos raios solares. Sozinho, acomodou-se ali, plenamente satisfeito, na busca de atender sua necessidade daquele instante, que era usufruir do calor do solo.

Mal se instalou, eis que uma onda forte invadiu sua moradia, trazendo, como consequências, a perda do ambiente enxuto, visto que a água molhou a areia onde estava abrigado, e o fechamento do orifício que fizera para penetrar no solo. A situação o obrigou a retirar-se dali imediatamente.

Movido por força instintiva, lutou contra a areia, agora molhada e pesada, tentando encontrar uma saída. Com esforço, conseguiu remover a terra que fechava o orifício e atingiu a superfície do solo. Rapidamente deslocou-se na busca de nova área enxuta e aquecida, onde pudesse refazer seu abrigo.

Logo adiante, encontrou local propício e reiniciou o exaustivo trabalho de perfuração do solo, até atingir a profundidade ideal, onde o abrigo se tornava aconchegante e confortável. Concluiu seu trabalho e deu-se por satisfeito. Porém, instantes após haver-se acomodado, uma outra onda marítima destruiu seu ambiente, inundando aquele espaço com água fria, forçando-o a nova retirada. Era um momento em que as águas do mar agitavam-se para atingir a maré alta.

Mais uma vez o caranguejo rompeu o solo com esforços, abandonou o abrigo e deslocou-se em busca de outro local. A situação se repetiu várias vezes. Em todas elas, o caranguejo, de forma incansável e resignada, deslocou-se em busca de novo abrigo.

Um fato, porém, não foi percebido pelo crustáceo: um moço, que passeava pela praia, pensativo e tristonho, teve sua atenção atraída para a luta do caranguejo contra a maré. Era um jovem que se achava bastante deprimido, por força dos insucessos que enfrentava na vida. Nada dava certo em seu caminho. Namoro, emprego, pertences, tudo escapava de suas mãos, inesperadamente, até nos momentos em que pensava estar de bem com a vida.

Acompanhou a trajetória do caranguejo por bom tempo. Aguardava, ansioso, cada vez que o animalzinho perfurava o solo e nele se ocultava, até o instante em que nova onda destruíra tudo. Viu, impressionado, todas as vezes que o solo molhado foi rompido pela ação

do caranguejo, que reaparecia triunfante e caminhava para nova tentativa. Constatou, comovido, que o caranguejo não reclamava, não maldizia, não lamentava, não desistia. Apenas, seguia adiante em busca de novo abrigo.

Pensou em seus problemas particulares e concluiu que, a exemplo daquele pequeno caranguejo – que teve seu sonho destruído, várias vezes, e soubera recomeçar -, ele também romperia a barreira do infortúnio e a partir daquele instante começaria nova vida.

Lançou fora o frasco de bebida mortal que conduzia e, sentindo-se revigorado espiritualmente, decidiu esquecer o passado e partir em busca da conquista de seus sonhos, recomeçando tantas vezes quantas fossem necessárias.

. Para atingir qualquer objetivo é fundamental que você acredite em seu poder realizador. Encare os reveses como acontecimentos eventuais, sempre superáveis.

. O esforço para se atingir uma meta pode ser maior ou menor, mas sempre há como chegar onde se pretende. Dê o primeiro passo.

. Eduque-se, mentalmente, afastando ideias de incapacidade, inferioridade e má sorte. Quem se cristaliza no negativismo perde a oportunidade de viver bem e feliz.

. Todos desejam um final feliz. Porém, bem mais compensador que um final feliz, é um começo feliz e um meio também feliz. Tire da mente esta ideia de que só interessa o final. Ri melhor quem ri todo o tempo.

. Prepare-se para vencer continuamente. Mesmo quando tudo parece dar errado, surge sempre alguma coisa que dá certo.

. “Levanta-te e anda” (Lucas 5: 23).

“Novas histórias que ninguém contou, Novos Conselhos que ninguém deu”,
Mensagem nº 30. Melcíades José de Brito. DPL – Editora e Distribuidora de Livros Ltda. –
2001

TEMA 3

TRATAMENTO "VIP"

Estamos sempre criando um mundo fantasioso. Acreditamos que coisas fantasiosas possam acontecer, alimentamos a ilusão de que uma força externa a nós mesmos, vai fazer uma tarefa que é nossa!

Certa vez um rapaz foi ao psicólogo fazer terapia porque estava desempregado e precisava de um reforço na sua autoestima. No momento, ele estava estudando para um concurso, mas quando ele sentava pra estudar, vinha alguém: o pai ou a mãe, e pedia que ele fosse ao banco, que ele fosse comprar o pão, como se ele fosse um desocupado, como se ele não estivesse fazendo nada, e ele não se sentia respeitado pela família, além do que no último concurso que ele prestou, não tinha passado. Mas agora, ele estava buscando apoio psicológico, se dedicava muito e estava convicto de que ia passar.

Naquele dia especificamente, ele chegou à consulta muito convicto de que ia passar no concurso:

-- Este concurso que eu estou fazendo..., este eu passo! E o psicólogo ficou surpreso, e disse:

-- Que coisa interessante. Gostei da sua convicção! Quando a gente tem convicção no que vai fazer, a gente sente uma força a mais. Mas de onde vem toda esta convicção?

Ele respondeu:

--Ah! Eu tive uma conversa séria com Deus e disse que Ele tinha que me ajudar a passar neste concurso! (Como quem dá uma ordem a Deus...). E perguntou ao psicólogo: O que você acha?

-- Bom, eu tenho 3 coisas pra te falar: com relação a ter uma conversa séria com Deus, acho que você está atrasado, porque a conversa com Deus é sempre séria. Se foi a primeira vez, do seu lado, que esta conversa foi séria, já demorou, está atrasado. Em segundo lugar, eu não tenho nenhuma dúvida, tenho absoluta certeza de que Deus vai lhe ajudar neste concurso. E o rapaz sorriu satisfeito e disse:

-- Está vendo, eu sabia que você ia concordar comigo. Tem mais alguma coisa a dizer?

-- Tenho sim, a terceira coisa que eu quero lhe falar, é que sendo Deus justo e

entendendo justiça como aquele que é igual para todos, Ele vai ajudar todas as outras pessoas que estão fazendo a prova, logo... quem você acha que vai passar? E o psicólogo continuou o raciocínio:

-- Quem vai passar? Vai passar quem estudou mais...

Olha só que visão infantil! Quem vai passar sou eu, porque tenho um acordo pessoal com Deus!

A gente às vezes, desenvolve um mito de que a gente vai ter um tratamento "VIP". Geralmente, os espíritas, têm esta sensação. Como a gente acredita em reencarnação, leu as obras de André Luiz, certamente, quando desencarnar, a gente vai ter uma "Sala VIP" do outro lado, porque a gente entende como funciona o processo.

Mas, pelo que eu andei lendo ..., não vou ter privilégio nenhum só porque guardo a crença, conceitualmente, de como é o mundo pós vida física, isto não vai nos dar garantia de um mundo melhor, e isto é um grande equívoco. E aí, esta crença de que existe um Deus particular, pra mim, que ajuda somente a mim mesmo, e para os outros, é diferente...

Você acha que há um Deus específico pra você e alimenta a ilusão de que alguma coisa mágica vai acontecer?

Observe: Quando perguntamos a uma criança de 3 anos de idade: Você quer uma caixa de chocolate agora, ou você quer 10 caixas de chocolate no final do mês? O que é que ela responde?

Quero uma caixa agora. E Por que ela diz agora? Ela não consegue adiar o prazer de agora. Mas, a gente ignora isto de uma criança? Sim, afinal ela é uma criança, e ela não consegue equacionar que se ela adiar o prazer de agora, vai lhe dar muito mais prazer mais pra frente.

Então, muitas vezes as pessoas estão infelizes com a vida que escolheram, e incrível é que elas continuam fazendo as mesmas coisas, esperando resultados diferentes.

Hoje por exemplo é domingo. O que é o hoje? Hoje é o passado do seu futuro. Como hoje é o presente do seu passado. Se hoje é o passado do seu futuro, e se você não está satisfeito com seu presente, não há outra alternativa para mudar o futuro, que não seja mudando a forma como você conduz o seu presente.

Então, se você não está satisfeito com o patamar financeiro, profissional, intelectual, emocional e moral que você alcançou, continuar fazendo as mesmas coisas, não vai garantir que nenhuma mudança vá se processar.

E um acúmulo de frustrações constantes, vai gerar em você uma sensação de vazio, e

de autopunição, e aí você não vai se perdoar pelas escolhas que fez, mas vai continuar fazendo as mesmas escolhas, para que daqui a um ano, você continuar se culpando porque você não se modificou.

Então, se hoje é o passado do meu futuro, eu posso entender aquela proposta de Chico Xavier, quando psicografou: *“Ninguém pode voltar atrás e fazer um novo começo. Mas qualquer um pode recomeçar agora e fazer um novo fim.”*

Significa dizer que perdoar-se, é olhar o passado não com culpa, mas olhar para o passado como aprendizado. A forma como eu dou a dimensão, ou nomeio meu passado, determina o meu presente. Se eu nomeio meu passado como lugar das mágoas e das decepções, eu sou alguém triste, com tendências a depressão. Se eu nomeio o meu passado, como um lugar da experiência, eu aprendo com o meu passado.

Nada me é dado, tudo é uma conquista pessoal. É disso que Jesus vem falar, quando Ele nos solicita que perdoemos, Ele não está falando do que os outros fazem comigo. Eu não posso fazer nada, a respeito do que os outros fazem comigo. Se vai me chamar de chato, de burro, de incompetente, eu não posso fazer nada, porque simplesmente estas coisas acontecem.

O problema não está no que as pessoas dizem ou fazem comigo, o problema vem da reação depois disso. O que é que eu faço depois que isto acontece. É o que se chama de Teoria dos 10-90. A Teoria 10-90 na Psicologia diz o seguinte: 10% das coisas que acontecem conosco, nós simplesmente não podemos evitar. Elas acontecem. Mas, o que vem depois - 90%, é o que vem depois, que é a reação. E a reação é escolha nossa!

O problema não é o fato, é a reação que vem do fato.

Fragmento da Palestra de Rossandro Klinjey no 9º SIMESPE 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=igX722V2pyk&t=1042s>

TEMA 4

FILME CLICK - RESENHA CRÍTICA

Um misto de comédia dramática, fantasia e ficção científica estadunidense que foi lançado em 2006 com direção de Frank Coraci, escrito por Steve Koren e Mark O'Keefe e produzido por Adam Sandler, que também interpreta Michael Newman, personagem principal.

O filme apresenta uma séria reflexão sobre a correria do mundo atual. Michael Newman (Adam Sandler) é um pai de família em busca do sucesso profissional, que se encontra desafiado a administrar bem o seu tempo, olhando acima de tudo para a melhoria de seu desempenho profissional e o aumento de sua renda financeira.

O cansaço do trabalho o faz dormir pesadamente sobre uma cama em uma loja. Durante seu pesado sono sonha encontrar e possuir um controle remoto que controla todos os eventos de sua vida.

A partir de então, usa o controle: quando a esposa começava a falar e ele não estava disposto a ouvir, era só dar um click, quando estava fazendo algo desagradável, dava um click. Quando alguém o irritava, dava um click... e ... Rapidamente consegue realizar todos os seus sonhos, visto que avança sua própria vida para o tempo da conquista de sua meta.

Torna-se sócio da empresa onde trabalhava. Contando sempre com a ajuda do poderosíssimo controle remoto, passa a resolver todos os problemas, nada mais consegue bloquear seu êxito profissional.

No entanto, passa a não se importar mais com a família, não realiza os desejos de seus filhos, não sai mais para passeios, vive apenas para o trabalho, perde a esposa para outro homem e de repente, se dá conta de que ficou velho, sua vida avançou velozmente.

O homem que lhe forneceu o grande presente (controle remoto), se revela então, como o anjo da morte, e lhe mostra todos os momentos que perdera, dentre eles a partida de seu próprio pai, a infância dos filhos, o casamento, as amizades...

A vida passou tão rapidamente e ele não refletiu sobre a importância da existência, ele deixou de aprender com as frustrações, com as dores, ele não exercitou o diálogo. Não fez aquisições emocionais para lidar com as perdas, os relacionamentos. Não usou o tempo para evoluir como ser humano.

Michael então se vê obeso, doente e reflete sobre suas perdas e seus ganhos. Percebe que perdeu sua vida buscando riquezas. Michael conclui que perdeu momentos importantíssimos de sua vida, não deu a importância devida à família.

Internado muito doente recebe a visita de seu filho dentre outras pessoas, percebe então que o filho está seguindo o mesmo destino, que após o casamento está indo a uma viagem de negócios e não à lua de mel. Michel desvencilha-se dos equipamentos médicos e sai correndo a procura do filho, cai na rua gritando pelo seu rapaz, sob os cuidados do filho, no momento final de sua vida deixa a mensagem principal do filme de que a família é mais importante.

É preciso ver o filme com entendimento e criticidade, visto que a mensagem trabalhada no filme não é de desvalorização do trabalho e muito menos da desvalorização da busca da excelência profissional, mas sim de que se faz necessário buscar um equilíbrio entre a excelência profissional e a excelência do convívio familiar.

Ao homem do século XXI é imprescindível compreender o que realmente é importante. Não viva para trabalhar, trabalhe para viver, mas trabalhe com muita responsabilidade e compromisso com a empresa, utilize bem o tempo de trabalho, assim você conquistará a confiança de seu líder. Não esqueça!

O modo de produção é capitalista, mas você pode se comportar de outro modo, não acumulando riquezas na terra, onde a traça e a ferrugem destroem - palavras de Jesus Cristo de Nazaré, O Mestre dos cristãos, inclusive de muitos que estão enriquecendo e caindo na armadilha do acúmulo de capital. Que Deus te abençoe. Viva Feliz! Você não precisa de muito dinheiro. Você precisa muito de Deus. Ele é tua riqueza, fortaleza, cura, libertação, segurança, socorro bem presente na hora da angústia.

Adaptado

<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130508171727AA9x7Ng>

TEMA 6

A MULTA MAIOR

O recinto do Tribunal estava lotado, não tanto pela importância dos crimes que seriam julgados, mas pela presença do prefeito de Nova York, La Guardia, que costumava, nessas ocasiões, sentenciar casos policiais simples, com decisões que ficavam famosas pelo seu conteúdo de sabedoria e originalidade.

Um dos acusados fora pilhado em flagrante, roubando pão em movimentada padaria. O homem inspirava compaixão: muito magro, barba por fazer, roupas em desalinho - era a própria imagem da miséria! ...

La Guardia submeteu-o, solene, ao interrogatório, consultou as testemunhas e, após rápida apreciação, considerou-o culpado, aplicando-lhe a multa de cinquenta dólares. A alternativa seria a prisão...

Em seguida, dirigindo-se à pequena multidão que acompanhava, atenta o julgamento, disse, peremptório:

- Quanto aos presentes, estão todos condenados a pagar meio dólar cada um, importância que servirá para liquidar o débito do réu, restituindo-lhe a liberdade.

E ante a estupefação geral, acentuou:

- Estão multados por viverem numa cidade onde um homem é obrigado a roubar pão para matar a fome! ...

Todos nós, habitantes de qualquer cidade do Mundo, estamos sujeitos a uma multa muito mais severa, a uma sanção muito mais grave - a frustração dos anseios de Felicidade, os desajustes intermináveis, as crises de angústia - por vivermos num planeta onde as palavras fraternidade, bondade, solidariedade, são enunciadas como virtudes raras, quando são apenas elementares deveres, indispensáveis à preservação do equilíbrio em qualquer comunidade.

Dizem os Espíritos Superiores que a Felicidade do Céu é socorrer a infelicidade da Terra. Diríamos que somente na medida em que estivermos dispostos a socorrer a infelicidade da Terra é que estaremos a caminho da Felicidade do Céu.

Não há alternativa. Podemos nos isolar da multidão aflita e sofredora, mas jamais estaremos bem, porquanto a infelicidade é o clima crônico dos que se fecham em si mesmos.

Mãos servindo são antenas que estendemos para a sintonia com as fontes da Vida e a captação das Bênçãos de Deus!

TEMA 7

OLHAR PARA DENTRO DE SI

Certo dia um rapaz desiludido resolveu seguir o exemplo dos contos de fadas. Colocou-se frente a seu espelho e perguntou:

- Querido espelho, olhe para mim e me diga: existe alguém mais infeliz do que eu?

- Com certeza, respondeu o espelho, existe alguém mais triste do que você neste momento. E este alguém sou eu.

O rapaz olhou espantado. O espelho continuou:

- Você não imagina a dor que sinto ao ver, no meu reflexo, uma pessoa que deixou seus problemas tomarem conta de sua vida, que não tem mais vontade de lutar e, principalmente, que não consegue ver dentro de si as suas qualidades, suas capacidades, seu talento.

- É pena que você não veja através de mim toda a sua facilidade em lidar com as pessoas, o quanto encantadora é a sua voz, o quanto seu coração é forte e o quanto as pessoas o amam. Olhe para você! Levante essa cabeça, pois as dificuldades, todos temos, assim como todos guardam dentro de si uma estrela, algo especial, a capacidade de tornar a própria vida prazerosa. Quantas são as pessoas que gostariam de ser como você: saudável, inteligente, e com toda uma vida pela frente! Use sua sensibilidade – ela é essencial para a vida. Motive-se: ao acordar pela manhã pense em algo do tipo “hoje meu dia será produtivo”. Faça isso com amor no coração e concentre-se em seus objetivos. Amigo, a vida é tão curta. Não perca tempo com os momentos ruins. Faça deles experiência positiva para continuar.

A felicidade plena depende do nosso amor próprio. Sonhe muito, faça planos e, acima de tudo, sinta-se capaz – para que os outros também possam senti-lo.

100 Estórias de Vida e Sabedoria, Osvino Toillier (Org.) – Edit. Sinodal - 2007

TEMA 8

EXPERIMENTO NA AULA DE FILOSOFIA

Um professor, diante de sua classe de filosofia, sem dizer uma só palavra, pegou um pote de vidro grande vazio, e começou a enchê-lo com bolas de golfe. Em seguida, perguntou aos seus alunos se o frasco estava cheio. Imediatamente todos disseram que sim.

O professor então pegou uma caixa de bolas de gude e esvaziou dentro do pote. As bolas de gude encheram todos os espaços vazios entre as bolas de golfe.

O professor voltou a perguntar se o frasco estava cheio e voltou a ouvir de seus alunos que sim.

Em seguida, ele pegou uma caixa de areia e esvaziou-a dentro do pote. A areia preencheu todos os espaços que ainda restavam e ele perguntou novamente aos alunos, que responderam que agora o pote estava cheio.

O professor pegou um copo de café (líquido) e o derramou sobre o pote umedecendo a areia.

Os estudantes riam da situação, quando o professor falou:

- Quero que vocês entendam que o pote de vidro representa nossas vidas.

Bolas de golfe são os elementos mais importantes, como Deus, a família e os amigos. São com as quais nossas vidas estariam cheias e repletas de felicidade.

As bolas de gude são as outras coisas que também importam: o estudo, o trabalho, prática esportiva, a casa bonita, o carro novo, etc.

A areia representa todas as pequenas coisas (a televisão: a novela, o futebol, os jogos, videogame, o computador, o facebook, o whatsapp). Mas se tivéssemos colocado a areia em primeiro lugar no frasco, não haveria espaço para as bolas de golfe e para as bolas de gude.

O mesmo ocorre em nossas vidas. Se gastarmos todo o nosso tempo e energia com as pequenas coisas nunca teremos lugar para as coisas realmente importantes. Prestem atenção nas coisas que são primordiais para a sua felicidade.

Brinquem com seus filhos, saiam para se divertir com a família e os amigos, dediquem um pouco de tempo a vocês mesmos, busquem a Deus, busquem o conhecimento, estudem, pratiquem seu esporte favorito. Sempre haverá tempo para as outras coisas, mas ocupem-se das bolas de golfe em primeiro lugar. O resto é apenas areia.

Um aluno se levantou e perguntou o que representava o café.

O professor respondeu:

- Que bom que me fizeste esta pergunta, pois o café serve apenas para demonstrar que não importa quão ocupada esteja nossa vida, sempre haverá um lugar para tomar um café com um amigo.

Um grande e forte abraço e até o nosso próximo café.

Que Deus em sua infinita sabedoria continue te abençoando, todos os dias de tua vida, é o mínimo que posso desejar por hoje!

TEMA 10

HISTÓRIA DE UM PÃO

Quando Barsabás, o tirano, demandou o reino da morte, buscou debalde reintegrar-se no grande palácio que lhe servira de residência.

A viúva, alegando infinita mágoa, desfizera-se da moradia, vendendo-lhe os adornos.

Viu ele, então, baixelas e candelabros, telas e jarrões, tapetes e perfumes, joias e relíquias, sob o martelo do leiloeiro, enquanto os filhos querelavam no tribunal, disputando a melhor parte da herança.

Ninguém lhe lembrava o nome, desde que não fosse para reclamar o ouro e a prata que doara a mordomos distintos.

E porque na memória de semelhantes amigos ele não passava, agora, de sombra, tentou o interesse afetivo de companheiros outros da infância...

Todavia, entre eles encontrou simplesmente a recordação dos próprios atos de malquerença e de usura.

Barsabás, entregou-se as lágrimas de tal modo, que a sombra lhe embargou, por fim, a visão, arrojando-o nas trevas.

Vagueou por muito tempo no nevoeiro, entre vozes acusadoras, até que um dia aprendeu a pedir na oração, e, como se a rogativa lhe servisse de bússola, embora caminhasse às escuras, eis que, de súbito, se lhe extingue a cegueira e ele vê, diante de seus passos, um santuário sublime, faiscante de luzes.

Milhões de estrelas e pétalas fulgurantes povoavam-no em todas as direções.

Barsabás, sem perceber, alcançara a Casa das Preces de Louvor, nas faixas inferiores do firmamento.

Não obstante deslumbrado, chorou, impulsivo, ante o Ministro espiritual que velava no pórtico.

Após ouvi-lo, generoso, o funcionário angélico falou sereno:

- Barsabás, cada fragmento luminoso que contempas é uma prece de gratidão que subiu da Terra ...

- Ai de mim - soluçou o desventurado - eu jamais fiz o bem...

- Em verdade - prosseguiu o informante -, trazes contigo, em grandes sinais, o pranto e o sangue dos doentes e das viúvas, dos velinhos e órfãos indefesos que despojaste, nos teus dias de invigilância e de crueldade; entretanto, tens aqui, em teu crédito, uma oração de louvor...

E apontou-lhe acanhada estrela, que brilhava a feição de pequenino disco solar.

- Há trinta e dois anos - disse, ainda, o instrutor -, deste um pão a uma criança e essa criança te agradeceu, em prece ao Senhor da Vida.

Chorando de alegria e consultando velhas lembranças, Barsabás perguntou:

- Jonakim, o enjeitado?

- Sim, ele mesmo - confirmou a missionário divino. - Segue a claridade do pão que deste, um dia, por amor, e livrar-te-ás, em definitivo, do sofrimento nas trevas.

E Barsabás acompanhou a tênue raio do tênue fulgor que se desprendia daquela gota estelar, mas, em vez de elevar-se as Alturas, encontrou-se numa carpintaria humilde da própria Terra.

Um homem calejado aí refletia, manobrando a enxó em pesado lenho...

Era Jonakim, aos quarenta de idade.

Coma se estivessem os dois identificados no doce fio de luz, Barsabás abraçou-se a ele, qual viajante abatido, de volta ao calor do lar... (...)

Decorrido um ano, Jonakim, a carpinteiro, ostentava, sorridente, nos braços, mais um filhinho, cujos louros cabelos emolduravam belos olhos azuis.

Com a benção de um pão dado a um menino triste, por espírito de amor puro, conquistara Barsabás, nas Leis Eternas, o prêmio de renascer para redimir-se.

Pelo Espírito Irmão X

XAVIER, Francisco Cândido. O Espírito da Verdade. Espíritos Diversos. FEB.

TEMA 11

SONS INAUDÍVEIS

Um rei mandou seu filho estudar no templo de um grande Mestre, com o objetivo de prepará-lo para ser uma grande pessoa. Quando o príncipe chegou ao templo, o Mestre o mandou sozinho para uma floresta. Ele deveria voltar um ano depois, com a tarefa de descrever todos os sons da floresta. Quando o príncipe retornou ao templo, após um ano, o Mestre lhe pediu para descrever todos os sons que conseguira ouvir. Então disse o príncipe:

– Mestre, pude ouvir o canto dos pássaros, o barulho das folhas, o alvoroço dos beija-flores, a brisa batendo na grama, o zumbido das abelhas, o barulho do vento cortando os céus...

E ao terminar o seu relato, o Mestre pediu que o príncipe retornasse à floresta, para ouvir tudo o mais que fosse possível. Apesar de intrigado, o príncipe obedeceu à ordem do Mestre, pensando:

– Não entendo, eu já distingui todos os sons da floresta...

Por dias e noites ficou sozinho ouvindo, ouvindo, ouvindo... Mas não conseguiu distinguir nada de novo além daquilo que havia dito ao Mestre. Porém, certa manhã, começou a distinguir sons vagos, diferentes de tudo o que ouvira antes. E quanto mais prestava atenção, mais claros os sons se tornavam. Uma sensação de encantamento tomou conta do rapaz. Pensou:

– Esses devem ser os sons que o Mestre queria que eu ouvisse...

E sem pressa, ficou ali ouvindo e ouvindo, pacientemente. Queria ter certeza de que estava no caminho certo. Quando retornou ao templo, o Mestre lhe perguntou o que mais conseguira ouvir.

Paciente e respeitosamente, o príncipe disse:

– Mestre, quando prestei atenção, pude ouvir o inaudível som das flores se abrindo, o som do sol nascendo e aquecendo a terra e da grama bebendo o orvalho da noite...

O Mestre sorrindo, acenou com a cabeça em sinal de aprovação, e disse:

– Ouvir o inaudível é ter a calma necessária para se tornar uma grande pessoa. Apenas quando se aprende a ouvir o coração das pessoas, seus sentimentos mudos, seus medos não confessados e suas queixas silenciosas, uma pessoa pode inspirar confiança ao seu redor, entender o que está errado e atender às reais necessidades de cada um.”

(Autor desconhecido)

TEMA 12

HISTÓRIA DE VIDA

Dois homens, ambos gravemente doentes, estavam no mesmo quarto de hospital. Um deles podia sentar-se na sua cama durante uma hora, todas as tardes, para que os fluidos circulassem nos seus pulmões. Sua cama estava junto da única janela do quarto. O outro homem tinha de ficar sempre deitado de costas. Os homens conversavam horas a fio.

Falavam das suas mulheres, das famílias, das suas casas, dos seus empregos, dos seus passa-tempos, onde tinham passado as férias...

E todas as tardes, quando o homem da cama perto da janela se sentava, ele passava o tempo a descrever ao seu companheiro de quarto todas as coisas que conseguia ver do lado de fora da janela. O homem da cama do lado começou a viver à espera desses períodos de uma hora, em que o seu mundo era alargado e animado por toda a atividade e cor do mundo do

Lado de fora da janela. A janela dava para um parque com um lindo lago. Patos e cisnes nadavam na água enquanto as crianças brincavam com os seus barquinhos. Jovens namorados caminhavam de braços dados por entre as flores de todas as cores do arco-íris.

Árvores velhas e enormes acariciavam a paisagem e uma tênue vista da silhueta da cidade podia ser vista no horizonte.

Enquanto o homem da cama perto da janela descrevia isto tudo com extraordinário pormenor, o homem no outro lado do quarto fechava os seus olhos e imaginava a

Pitoresca cena.

Um dia, o homem perto da janela descreveu um desfile que ia passar, embora o outro homem não conseguisse ouvir a banda, e conseguia vê-la e ouvi-la na sua mente, enquanto o outro senhor a retratava através de palavras bastante descritivas.

Dias e semanas passaram. Uma manhã, a enfermeira chegou ao quarto trazendo água para os seus banhos, e encontrou o corpo sem vida do homem perto da janela, que tinha falecido calmamente enquanto dormia.

Ela ficou muito triste e chamou os funcionários do hospital para que levassem o corpo.

Logo que lhe pareceu apropriado, o outro homem perguntou se podia ser colocado na cama perto da janela. A enfermeira disse logo que sim e fez a troca. Depois de se certificar de que o homem estava bem instalado, a enfermeira deixou o quarto.

Lentamente, e cheio de dores, o homem ergueu-se, apoiado no cotovelo, para contemplar o mundo lá fora. Fez um grande esforço e lentamente olhou para o lado de fora da janela, que dava, afinal, para uma alta parede de tijolos...

O homem perguntou, então, à enfermeira o que teria feito com que o seu falecido companheiro de quarto lhe tivesse descrito coisas tão maravilhosas do lado de fora da janela.

A enfermeira respondeu que o homem era praticamente cego, enxergava muito pouco e nem sequer conseguia ver a parede.

Talvez ele quisesse apenas lhe dar coragem e tornar suas horas mais alegres...

Moral da História:

* Há uma felicidade tremenda em fazer os outros felizes, apesar dos nossos Próprios problemas.

*A dor partilhada é metade da tristeza, mas a felicidade, quando partilhada, é Dobrada.

*Se queres te sentir rico, conta todas as coisas que tens que o dinheiro não pode Comprar.

*O dia de hoje é uma dádiva, por isso, é que o chamam de presente!!!

A origem desta carta é desconhecida.

TEMA 13

BUDA E O MENDIGO

Era uma vez um pobre mendigo que estava tentando juntar comida. Mas ele reparava, porém, que todos os dias a sua comida desaparecia. Um dia ele apanhou um rato que lhe roubava a comida. Perguntou então ao rato porque ele lhe roubava a comida, afinal ele era um mendigo. Que ele fosse roubar pessoas ricas, elas nem vão perceber.

O Rato respondeu: "Mas o meu destino é roubar de ti". Porque?? perguntou o mendigo. Porque faz parte do teu destino possuir apenas 8 itens em tua posse. Por mais que mendigas, por mais que consigas juntar, isso é tudo que poderás ter.... respondeu o rato.

O Mendigo ficou espantado e também de coração destrozado. Ele se questionou a razão de este ser o seu destino. O rato disse então que não sabia, mas que ele deveria tentar perguntar a Buda, que talvez ele soubesse. Então o mendigo deu início a sua viagem em busca de Buda.

Ele viajou o dia todo e ao entardecer, por fim, chegou a propriedade de uma família rica. Cansado e com sono ele decidiu passar ali a noite. Dirigiu-se a porta e bateu.

- Senhor, disse ele, está ficando escuro e eu sou novo por aqui, será que posso passar aqui a noite, por favor?

- Sim... pode entrar. Disse o dono da casa.

Assim que o mendigo entrou na casa, o homem perguntou-lhe:

- Para onde vais e qual a razão de viajares tão tarde?

- Eu tenho uma questão para colocar a Buda e vou ao encontro dele.

Nesse momento a mulher do homem rico entrou e ouviu o que foi dito.

- Podemos te dar uma questão, para que perguntes a Buda? Perguntou ela.

- Sim, presumo que posso colocar uma questão em vosso nome. Qual é a sua questão, senhora?

- Nós temos uma filha de 16 anos que não consegue falar. Nós só queremos perguntar o que temos que fazer para resolver o problema.

Na manhã seguinte o mendigo agradeceu a hospitalidade deles e assegurou-lhes que colocaria a sua questão a Buda. E ele prosseguiu com a sua viagem. Até que viu um mar de montanhas que tinha que atravessar. Ele subiu em uma montanha e encontrou um feiticeiro, que carregava um grande cajado.

- Feiticeiro, perguntou ele, podes me ajudar a atravessar as montanhas?

O feiticeiro disse que sim. O mendigo então, salta no cajado do feiticeiro, que o usou para transportar o mendigo e ele próprio, através do mar de montanhas. Enquanto eles

voavam o feiticeiro perguntou ao jovem:

- Para onde você vai? Porque decidiu atravessar todas essas montanhas?

- Eu vou me encontrar com Buda e colocar uma questão sobre o meu destino, respondeu ele.

- Sério? Por favor, posso te pedir para colocar uma questão a Buda? É que há mil anos tento ir para o paraíso, e segundo os meus conhecimentos, já deveria poder ir. Por favor, podes perguntar a Buda o que eu tenho que fazer para chegar ao paraíso? questionou o feiticeiro.

- É claro que vou colocar a tua questão, respondeu o mendigo.

À medida que ele prosseguia em sua viagem ele deparou-se com seu último obstáculo. Um rio que ele era incapaz de atravessar. Por sorte apareceu uma tartaruga gigante, que decidiu levá-lo até o outro lado do rio.

Enquanto atravessavam o rio, a tartaruga perguntou-lhe:

- Onde vais?

- Eu vou ver Buda, e colocar-lhe uma questão sobre o meu destino, respondeu.

- Podes colocar-lhe uma questão por mim? Por favor? perguntou a tartaruga.

- Claro, qual é?

- Eu, há 500 anos tento transformar-me num dragão, segundo os meus conhecimentos já deveria ter me transformado num dragão. Por favor, podes perguntar ao Buda o que eu tenho que fazer para me transformar num dragão?

- Obrigado tartaruga por ter me ajudado a atravessar o rio. Claro, vou colocar-lhe a tua questão.

O mendigo prosseguiu a sua viagem em busca de Buda. E por fim chegou ao local onde ele morava. O mendigo parou em frente ao mosteiro e respirou profundamente. O mendigo caminhou determinado e entusiasmado. Pronto para colocar a sua questão e a de todos os outros.

Assim que ele entrou fez uma reverência perante Buda.

- Por favor, aceita as minhas felicitações, Buda. Viajei desde muito longe para te colocar algumas questões. Posso colocá-las, por favor?

- É claro que sim, respondeu Buda. Mas, apenas responderei a três questões, apenas três questões.

O jovem mendigo ficou chocado. Ele tinha quatro questões. Ele decidiu pensar cuidadosamente. Pensou na tartaruga, há 500 anos que ela tentava tornar-se um dragão. Depois ele pensou no feiticeiro, que há mil anos tentava chegar ao paraíso. E por fim pensou na pobre menina que iria passar toda a sua vida sem conseguir falar. E depois olhou para si próprio.

Eu sou apenas um mendigo eu posso voltar pra casa e voltar a pedir. Já estou

habituação, nada irá mudar. Mas para eles tudo pode mudar se obtiverem respostas.

Depois dele olhar para os problemas de todos os outros, de súbito percebeu que o seu era muito pequeno. Ele sentiu pena da tartaruga, do feiticeiro e da menina. Por isso resolveu colocar as questões deles. E como o esperado, Buda respondeu-lhe.

- A tartaruga é não está disposta a sair do casco, enquanto ela não estiver disposta a deixar o conforto do seu casco... ela nunca vai se tornar um dragão.

O mago carrega sempre o seu cajado, nunca solta ele. E o cajado tem um peso, age como uma âncora, não deixando ele ir ao paraíso.

E a menina, ela só vai conseguir falar quando ela encontrar a sua alma gêmea.

Então o mendigo agradece Buda e começa a sua jornada de volta para casa.

Ele então encontrou a tartaruga, que lhe pergunta:

- Então, perguntou a Buda?

- Sim, Claro. Só tens que abandonar o teu casco para te tornares um Dragão!

A tartaruga tirou o seu casco e dentro dele tinha pérolas preciosas, encontradas nas zonas mais profundas do oceano. Ela ofereceu-as ao mendigo em agradecimento. O mendigo, então, voltou a encontrar o feiticeiro no topo da montanha.

- Tu só precisas soltar o teu cajado e poderás ir para o paraíso. Disse o mendigo ao feiticeiro.

O feiticeiro libertou-se do seu bastão, oferecendo-o ao jovem e disse-lhe que graças a ele poderia ascender ao paraíso.

O jovem tinha agora a riqueza da tartaruga e o poder do feiticeiro. Ele regressou para junto da família que lhe tinha oferecido abrigo. Eles ficaram muito felizes ao vê-lo de volta e aguardavam a resposta.

- O grande Buda disse que a vossa filha voltará a falar quando encontrar a sua alma gêmea. Disse o jovem mendigo.

Nesse momento, a filha desceu as escadas e falou:

- Ei, não é esse o rapaz que esteve aqui semana passada?

A jovem e seus pais ficaram espantados... Eles olharam para o mendigo... ELE era a alma gêmea da filha. Os pais marcaram o casamento e eles viveram felizes para sempre.

Essa história nos fala de tantas coisas e nos ensina tantas lições.

Às vezes, nós temos que nos doar para que algumas coisas aconteçam.

Algumas vezes, se quisermos nos tornar dragões ou leões, nós temos que estar dispostos a deixar algumas coisas para trás.

Algumas coisas que nos deixam mais confortáveis, que nos fazem sentir seguros. Nós temos que sair da nossa zona de conforto. Como a tartaruga fez.

E, às vezes, para encontrar o amor verdadeiro, primeiro precisamos passar por uma jornada só nossa, uma autotransformação. Quando você está sozinho e perdido nos seus pensamentos, algumas vezes os seus problemas parecem tão grandes e pode parecer o fim do mundo. Mas se a gente olhar a vida das outras pessoas, que não tem tantas

oportunidades quanto nós, que estão numa situação mais difícil que a nossa, às vezes, isso faz os nossos problemas parecerem tão pequenos.

E se estamos dispostos a oferecer ajuda aos que estão com mais dificuldades que nós, isso pode mudar o rumo da nossa vida.... O nosso DESTINO. E o Universo pode nos devolver isso, de formas que a gente nem imagina.... Vai voltar para você...**TUDO O BEM QUE VOCÊ FAZ PARA O MUNDO, VAI VOLTAR PARA VOCÊ !!**

TEMA 14

A PANELA DE SOPA



Uma antiga lenda Judaica diz que certo dia, Deus convidou um rabino para conhecer o céu e o inferno.

Ao abrirem a porta do inferno, viram uma sala em cujo centro havia um caldeirão, no qual se cozinhava uma succulenta sopa.

Em volta dele, estavam sentadas pessoas famintas e desesperadas. Cada uma delas segurava uma colher de cabo tão comprido que lhe permitia alcançar o caldeirão, mas não suas próprias bocas. O sofrimento era imenso.

Em seguida, Deus levou o rabino para conhecer o céu. Entraram em uma sala idêntica à primeira, onde havia o mesmo caldeirão com as pessoas à sua volta, e colheres de cabo comprido. A diferença é que todos estavam saciados.

Eu não compreendo disse o rabino, por que aqui as pessoas estão felizes, enquanto na outra sala morrem de aflição, se é tudo igual? Deus sorriu e respondeu:

É por que aqui elas aprenderam a dar comida umas às outras.

“A felicidade é o subproduto do esforço de fazer o próximo feliz”.

Autoria desconhecida

TEMA 15

O PIRILAMPO

Nunca te afirmes imprestável.

Num aldeamento de colonização, surgiu um químico dedicado à fabricação de remédios pesquisando as qualidades de certo arbusto que existia unicamente em cavernas.

Detendo informes de antigos habitantes da região, munuiu-se de lâmpada elétrica, vela e fósforos para descer aos escaninhos de grande furna.

O homem começou a distanciar-se da luz do sol e porque a sombra se condensasse, acendeu a lâmpada desdobrando uma corda que, na volta, lhe orientasse o caminho.

A breves instantes, porém, as pilhas se esgotaram. Recorreu aos fósforos e inflamou a vela, entretanto, a vela se derreteu e os fósforos foram gastos inteiramente, sem que ele atingisse o que desejava.

Dispunha-se ao regresso, quando viu em pequeno recôncavo do espaço estreito e escuro o brilho intermitente de um pirilampo.

Aproximou-se curioso e, à frente dessa luz, achou a planta que buscava, com enorme proveito na tarefa a que se propunha.

Anotemos a conclusão.

Quem não pode ser a luz solar, terá possivelmente o clarão da lâmpada. Quem não consegue ser a lâmpada terá consigo o valor de uma vela acesa ou de um fósforo chamejante. E quem não disponha de meios a fim de substituir a vela ou o fósforo, trará sem dúvida, o brilho de um pirilampo.

ANTOLOGIA DA CRIANÇA –Francisco Cândido Xavier - Autores Diversos

TEMA 16

O PODER E AS LEIS DIVINAS

Conta-se a história de um jovem advogado, funcionário de um órgão público, estava com uma pilha de processos sobre a mesa, quando seu superior entrou na sala e tomou dois daqueles processos, dizendo-lhe:

- Quero que você archive estes processos.

O advogado perguntou por que razão deveria arquivá-los, e o diretor respondeu, simplesmente:

- Porque os acusados são meus amigos e me pediram esse favor.

O moço por sua vez, comprometido com a própria consciência – onde estão inscritas as leis divinas – fez que os processos seguissem seu curso, sem interferir.

Tempos depois, os amigos do diretor tiveram que arcar com as custas do processo e indenizar vários cidadãos, aos quais haviam prejudicado de alguma forma.

E, quando o diretor foi pedir uma explicação ao advogado, este argumentou que o fato de os acusados serem seus amigos não era suficiente para isentá-los da responsabilidade dos seus atos. E que somente a falta de provas poderia livrá-los, o que não era o caso.

Então, o diretor falou com muita ira:

- Você acaba de tirar mais poder de minhas mãos, pois, com este favor, eu seria beneficiado e teria mais poder; eu iria ocupar o cargo dentro da mais alta corte; seria talvez, um ministro daquela Casa.

Desculpe, Sr. Diretor, mas tive que agir com firmeza de caráter, mesmo sabendo que estava em jogo o meu emprego. O advogado, uma pessoa bastante esclarecida espiritualmente, concluiu:

- Se eu não tivesse firmeza de caráter, poderia ter dado ocasião a que fosse registrado em minha ficha espiritual a seguinte anotação:

“Este espírito sofreu, em tal data, um assalto da corrupção e da prepotência e terá seus bens mais preciosos, que são o caráter e a honestidade, roubados.”

- Quando permitimos que nossas virtudes sejam compradas ou roubadas, ficamos mais pobres espiritualmente.

Retrucou o diretor:

- Mas você estaria apenas cumprindo ordens.

Ao que responde o jovem advogado:

- Poderia até ser, mas toda vez que aplaudimos a corrupção e a ganância, tirando proveito de cargos, posições sociais, ou de situações diversas em benefício próprio, em detrimento de outrem, estamos nos candidatando a entrar no mundo espiritual como mendigos morais. Sr. Diretor, esta sede que os homens têm pela posse do poder tem se constituído numa verdadeira obsessão. Há os que desejam o poder do dinheiro e pensam que o tem; vem a morte e os afasta das propriedades e dos cofres abarrotados. Há os que espreitam o poder da política terrena, ansiosos, mas a morte os exclui das decisões bem urdidadas, dos conchavos escusos, onde se julgavam fortes, imbatíveis, para que possam identificar as realidades da vida. Há aqueles que se impõem respeitados por uns, temidos por muitos, dominando exércitos submissos ao seu comando arbitrário, caprichoso; mas a morte arranca-lhes a espada e a lança fazendo silenciar a sua voz de comando. Em trono de soberba e crueldade, há os que se envaidecem, os que se vangloriam, tendo os ombros recobertos de púrpura, tendo coroas de gema e ouro sobre atormentadas fronteiras. A morte, porém, rouba-lhes o cetro, desaloja-os do trono de ilusão e lhes impõe o conhecimento da realidade da vida. Nenhum poder tipicamente do mundo resiste às transformações que o tempo a tudo impõe. Em verdade, somente a vida, a vida do espírito imortal, carrega em suas engrenagens as lentes ideais, para que se veja e entenda o que realmente existe como força, no mundo todo. A morte, então, é transformada em eficiente mensageira da realidade, com o objetivo de destronar os orgulhosos, de desmascarar os enganadores e desmoralizar os hipócritas. A morte age sobre o corpo físico e determina o final das experiências enlouquecidas da alma sobre a terra, fazendo fechar-se o ciclo de abusos, de desmandos, a fim de que o espírito, esse viajante da evolução, possa cair em si, através de meditações profundas, despertando para as realidades da vida.

A esta altura o diretor, já bastante calmo, fala:

- Eu nunca tinha pensado desta maneira...

- Lembre-se Sr. Diretor: quem detém o verdadeiro poder é o indivíduo que se acostumou a construir a paz dentro de si, por meio de árduas disciplinas conseguindo espalhá-la em derredor. Somente aqueles que sabem renunciar aos convites dos vícios do mundo, a fim de conquistar as virtudes que valorizam o íntimo da criatura, é que são reais detentores do mais grandioso poder: o poder sobre si mesmo. Procuremos ter o poder do espírito. Este sim é eterno e propicia a verdadeira felicidade!

Raul Teixeira, In: Ante o Vigor do Espiritismo – adaptado por Guilherme Victor M. Cordeiro, in: Histórias que Elevam a Alma. DPL Editora / 2002.

TEMA 17

O SENHOR PALHA

Conto japonês

Era uma vez, há muitos e muitos anos, é claro, porque as melhores histórias passam-se sempre há muitos e muitos anos, um homem chamado Senhor Palha. Ele não tinha casa, nem mulher, nem filhos. Para dizer a verdade, só tinha a roupa do corpo. Ora o Senhor Palha não tinha sorte. Era tão pobre que mal tinha para comer e era magrinho como um fiapo de palha. Era por esse motivo que as pessoas lhe chamavam Senhor Palha.

Todos os dias o Senhor Palha ia ao templo pedir à Deusa da Fortuna que melhorasse a sua sorte, mas nada acontecia. Até que um dia, ele ouviu uma voz sussurrar:

— A primeira coisa em que tocares quando saíres do templo há de trazer-te uma grande fortuna.

O Senhor Palha apanhou um susto. Esfregou os olhos, olhou em volta, mas viu que estava bem acordado e que o templo estava vazio. Mesmo assim, saiu a pensar: “Terei sonhado ou foi a Deusa da Fortuna que falou comigo?” Na dúvida, correu para fora do templo, ao encontro da sorte. Mas, na pressa, o pobre Senhor Palha tropeçou nos degraus e foi rolando aos trambolhões até o final da escada, onde caiu por terra. Ao levantar-se, ajeitou as roupas e percebeu que tinha alguma coisa na mão. Era um fio de palha.

“Bom”, pensou ele, “uma palha não vale nada, mas, se a Deusa da Fortuna quis que eu o apanhasse, é melhor guardá-lo.”

E lá foi ele, com a palha na mão.

Pouco depois, apareceu uma libélula zumbindo em volta da cabeça dele. Tentou afastá-la, mas não adiantou. A libélula zumbia loucamente ao redor da cabeça dele. “Muito bem”, pensou ele. “Se não queres ir embora, fica comigo.” Apanhou a libélula e amarrou-lhe o fio de palha à cauda. Ficou a parecer um pequeno papagaio (de papel), e ele continuou a descer a rua com a libélula presa à palha. Encontrou a seguir uma florista, que ia a caminho do mercado com o filho pequenino, para vender as suas flores. Vinham de muito longe. O menino estava cansado, coberto de suor, e a poeira fazia-o chorar. Mas quando viu a libélula a zumbir amarrada ao fio de palha, o seu pequeno rosto animou-se.

— Mãe, dá-me uma libélula? — pediu. — Por favor!

“Bem”, pensou o Senhor Palha, “a Deusa da Fortuna disse-me que a palha traria sorte. Mas este garotinho está tão cansado, tão suado, que ficará certamente mais feliz com um pequeno presente.” E deu ao menino a libélula presa à palha.

— É muita bondade sua — disse a florista. — Não tenho nada para lhe dar em troca além de uma rosa. Aceita?

O Senhor Palha agradeceu e continuou o seu caminho, levando a rosa. Andou mais um pouco e viu um jovem sentado num tronco de árvore, segurando a cabeça entre as mãos. Parecia tão infeliz que o Senhor Palha lhe perguntou o que tinha acontecido.

— Hoje à noite, vou pedir a minha namorada em casamento — queixou-se o rapaz. — Mas sou tão pobre que não tenho nada para lhe oferecer.

— Bem, eu também sou pobre — disse o Senhor Palha. — Não tenho nada de valor mas, se quiser dar-lhe esta rosa ela é sua.

O rosto do rapaz abriu-se num sorriso ao ver a esplêndida rosa.

— Fique com estas três laranjas, por favor — disse o jovem. — É só o que posso dar-lhe em troca.

O Senhor Palha continuou a andar, levando três suculentas laranjas. Em seguida, encontrou um vendedor ambulante a puxar uma pequena carroça.

— Pode ajudar-me? — disse o vendedor ambulante, exausto. — Tenho puxado esta carroça durante todo o dia e estou com tanta sede que acho que vou desmaiar. Preciso de um gole de água.

— Acho que não há nenhum poço por aqui — disse o Senhor Palha. — Mas, se quiser, pode chupar estas três laranjas.

O vendedor ambulante ficou tão grato que pegou num rolo da mais fina seda que havia na carroça e deu-o ao Senhor Palha, dizendo:

— O senhor é muito bondoso. Por favor, aceite esta seda em troca.

E, uma vez mais, o Senhor Palha continuou o seu caminho, com o rolo de seda debaixo do braço.

Não tinha dado dez passos quando viu passar uma princesa numa carruagem. Tinha um olhar preocupado, mas a sua expressão alegrou-se ao ver o Senhor Palha.

— Onde arranhou essa seda? — gritou ela. — É justamente aquilo de que estou à procura. Hoje é o aniversário de meu pai e quero dar-lhe um quimono real.

— Bem, já que é aniversário dele, tenho prazer em oferecer-lhe a seda — disse o Senhor Palha.

A princesa mal podia acreditar em tamanha sorte.

— O senhor é muito generoso — disse sorrindo. — Por favor, aceite esta jóia em troca.

A carruagem afastou-se, deixando o Senhor Palha com uma jóia de inestimável valor refulgindo à luz do sol.

“Muito bem”, pensou ele, “comecei com um fio de palha que não valia nada e agora tenho uma jóia. Sinto-me contente.”

Levou a jóia ao mercado, vendeu-a e, com o dinheiro, comprou uma plantação de arroz. Trabalhou muito, arou, semeou, colheu, e a cada ano a plantação produzia mais arroz. Em pouco tempo, o Senhor Palha ficou rico.

Mas a riqueza não o modificou. Oferecia sempre arroz aos que tinham fome e ajudava todos os que o procuravam. Diziam que a sua sorte tinha começado com um fio de palha, mas quem sabe se não terá sido com a sua generosidade?

William J. Bennett
O Livro das Virtudes II – O Compasso Moral
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996

TEMA 18

PROFISSÃO HONRADA

Certa vez, um homem ligou para sua esposa da cabina telefônica de um aeroporto.

Quando as suas moedas terminaram, a telefonista o interrompeu para dizer que lhe restava apenas um minuto.

O homem se apressou para encerrar a conversa com a esposa mas, antes que eles tivessem tempo de se despedir, a linha caiu.

Com um suspiro, o homem pôs o fone no gancho e começou a sair da minúscula cabina.

De repente, o telefone tocou. Imaginando que fosse a telefonista, solicitando a colocação de mais moedas, ele pensou em não atender. Mas alguma coisa lhe disse para pegar o telefone.

De fato, era a telefonista. Contudo, ela não queria mais moedas. Tinha um recado para ele.

Depois que o senhor desligou, sua esposa disse que o amava. Achei que o senhor gostaria de saber.

* * *

Em qualquer atividade que exerças, considera-te servidor de Deus.

Por mais humilde seja a tua profissão, ela é por demais valiosa no conjunto social em que te encontras.

Cumpra com os teus deveres com alegria, e consciente do seu significado, do valor que eles têm e de quanto são importantes para a comunidade.

Ilhas imensas surgem nos mares, construídas por humildes ostras.

Desertos colossais resultam de pequenos grãos de areia que se acumulam.

Oceanos volumosos são nada mais do que gotinhas de água.

A tua parcela no mundo é de grande relevância. Portanto, trabalha com disposição e nobreza.

Não explores negativamente os semelhantes, retirando proveitos imediatos indevidos, através de tua profissão.

Muitos, enquanto exercitam a sua atividade profissional, oferecem materiais e produtos de inferior qualidade, ao preço de qualidade superior.

Outros egoístas, em suas oficinas, mentem, fingem, alegam trocas de peças, substituindo-as por aquelas de inferior possibilidade, ganhando dinheiro desonestamente.

Muitos funcionários encenam enfermidades, conseguem falsos atestados médicos, abusam de prerrogativas, para não exercerem as suas horas de trabalho.

Cada profissão no mundo guarda o compromisso de forjar o bem e o progresso dos grupos humanos. Também de iluminar todos aqueles que, na qualidade de dignos profissionais, honram os deveres, como legítimos cooperadores do Criador.

Não sejas daqueles que adotam profissões visando o destaque social, o ganho rápido e o menor esforço.

Quando ouças alusões a riquezas e prestígios, *pensa em tantos doentes sem médico, analfabetos sem professor, explorados sem advogados que os ajudem* e tantas outras necessidades humanas, a fim de que exerças a tua profissão com o melhor de ti.

A missão do homem inteligente na Terra deverá ser fazer a vida crescer por onde sigam os seus passos.

Trabalha feliz e exerce a tua atividade profissional com honra.

* * *

A profissão não deve ser encarada simplesmente como a possibilidade do ganho material. É também fator de crescimento.

É daquelas questões que, na esfera dos planejamentos reencarnatórios, antes do retorno à carne, são ajustadas no mundo invisível.

Abraça, pois, a tua profissão e exerce-a com amor, demonstrando a tua capacidade de ser útil e atender ao desenvolvimento da sociedade em que vives.

Redação do Momento Espírita

TEMA 19

REFLEXÕES DO MEU PAI

Meu pai tinha muitos problemas. Viva irritado, dormia mal e de sentia exausto; era mal-humorado e amargo. Até que um dia, de repente, ele mudou.

Um dia, minha mãe disse-lhe:

-Amor, estou há três meses à procura de um emprego e eu não encontrei nada. Vou tomar chá com os minhas amigas.

Meu pai respondeu:

-Está bem...

Meu irmão disse-lhe:

-Pai, vou mal em todas as matérias da Faculdade.

Meu pai respondeu:

-Está bem. Você vai se recuperar. E se não o fizer, você poderá repetir o semestre. Mas você vai pagar a sua taxa de matrícula.

Minha irmã disse:

-Pai, bati com meu carro.

Meu pai respondeu:

-Está bem filha. Leve-o para a oficina e procure uma forma de como pagar. E enquanto eles consertam, vá andando de ônibus ou metrô.

Sua nora disse-lhe:

-Sogro, eu vim passar alguns meses com vocês.

Meu pai respondeu:

- Está bem. Acomode-se no sofá da sala e procure alguns cobertores no armário.

Todos, na casa do meu pai, nos reunimos preocupados em ver essas suas reações.

Nós propusemos, então, fazer um "questionamento" a ele para afastar qualquer possibilidade de reação que fosse provocada por alguma medicação anti-birras.

Mas, qual não foi a nossa surpresa quando o meu pai nos explicou:

"Demorou muito tempo para perceber que cada um é responsável por sua vida. Levou-me anos descobrindo que minha angústia, minha mortificação, minha depressão, minha raiva, minha insônia e meu stress não resolveriam os seus problemas. Mas, apenas, exacerbaram os meus."

Eu não sou responsável pelas ações dos outros. Eu sou responsável pelas reações de como eu me expresso perante elas.

Portanto, cheguei à conclusão que o meu dever para comigo mesmo é manter a calma e deixar que cada um resolva aquilo da forma que lhe convier.

Tenho feito cursos de Yoga, de meditação, de desenvolvimento humano, de higiene mental, de vibração e programação neuro-linguística. E, em todos eles, eu encontrei um denominador comum: no final, todos nos levam ao mesmo ponto. Ou seja, eu só posso ter ingerência sobre mim mesmo. Vocês têm todos os recursos necessários para resolver suas próprias vidas.

Eu só posso dar meu conselho se por acaso me pedirem. E cabe a vocês decidirem segui-lo ou não.

Então, de hoje em diante, parei de ser o receptáculo de suas responsabilidades, o carregador de suas culpas, a lavanderia dos seus remorsos, o advogado de seus defeitos, o Muro das Lamentações, o depositário das suas funções, que resolve seus problemas ou sua borda de reposição para cumprir suas responsabilidades.

De agora em diante, eu os declaro todos adultos, independentes e autossuficientes.

Todos na casa do meu pai permaneceram em silêncio.

Desde aquele dia, a família começou a funcionar melhor porque todo mundo em casa sabe exatamente o que lhes cabe fazer.

Autor: UM HOMEM FELIZ!!!!

TEMA 20

O ENSINO DA LUZ

Senhor - disse Tadeu a Jesus, após o dia de trabalho estafante -, qual é o nosso dever maior, na execução do Evangelho para a redenção das criaturas? O Mestre fitou o céu azul em que nuvens pequeninas semelhavam estrigas de linho alvo. E falou em seguida: - Em meio de grande tempestade, inúmeros viajantes se recolheram a enorme casarão que se assemelhava a um labirinto. Porque sentissem medo uns dos outros, cada qual se escondeu nos quartos mais internos e, vindo a noite, em vão procuraram o lugar de saída. Começou, então, enorme conflito. Lamentos. Pragas. Assaltos. Correrias. Pancadas. Crimes nas trevas. Um homem, que por ali passava, ouviu os rogos de socorro que partiam do infortunado reduto e, longe de gritar ou discutir, acendeu a sua candeia e passou entre os amotinados, em profundo silêncio. Bastou a luz dele para que todos percebessem os disparates que vinham fazendo, ao mesmo tempo que encontravam, por si mesmos, a porta libertadora. O Mestre fez grande intervalo e voltou a dizer: - Se a luz do bom exemplo estiver entre nós, os outros perceberão, com facilidade, o caminho. - E que fazer, Senhor, para semelhante conquista? Jesus, continuando em sua contemplação do céu, como exilado buscando alguma visão da pátria longínqua, aclarou docemente: - Procuremos o Reino de Deus e a sua justiça, isto é, vivamos no amor puro e na consciência tranquila... E tudo o mais ser-nos-á acrescentado.

TEMA 21

DESTINO E LIVRE ARBÍTRIO

Destino e livre-arbítrio Uma das indagações que frequentemente ouvimos nas rodas dos iniciantes de Espiritismo refere-se aos casos de homicídio e de suicídio. Entendem os indagadores que o homicida traz consigo a necessidade, ou destino, de matar aquele sob cujas mãos futuramente sucumbirá. E estendem o sofisma aos casos de suicídio, entendendo que também o suicida reencarnou com o destino de matar a si próprio. Ambos os casos, no entanto, devem ser meditados e bem compreendidos, não sofismados, para que o adepto não resvale para a inconveniência de propagar a Doutrina dos Espíritos erradamente, comprometendo a limpidez da lógica por ela apresentada e assumindo a responsabilidade de contribuir para incentivar falsos raciocínios nos cérebros frágeis, aos quais a razão ainda não esclareceu. Ora, nos Dez Mandamentos da Lei de Deus, código de ouro, estabelecido para reger a Humanidade, há um dispositivo incisivo, exposto de forma a não permitir sofismas nem dubiedades. É o 5º — Não matarás. Jesus, o mestre por excelência, expôs a moral perfeita, prosseguimento da primeira, isto é, dos Dez Mandamentos, moral que condena até mesmo a expressão descortês de uma pessoa para com a outra. Declarou que “quem matar pela espada morrerá pela espada” e não cessou de recomendar o amor recíproco como base para toda a felicidade e prosperidade moral espiritual das criaturas humanas. Por sua vez, a revelação espírita, seguindo nas pegadas das duas primeiras revelações de Deus aos homens, adverte, com as mais categóricas demonstrações dos próprios fatos, que o homicídio e o suicídio são infrações gravíssimas às Leis de Deus. Chega mesmo a apresentar ao adepto, durante as sessões chamadas práticas, a situação espiritual impressionante, pelo sofrimento, de ambos os infratores, cuja consciência, atormentada pelos remorsos da terrível infração, é tudo o que há de mais patético e angustioso que a mente humana poderia conceber. Não é verdade, portanto, que alguém renasça com a destinação de assassinar o seu próximo ou a si mesmo. A lei da reencarnação foi estabelecida, desde o princípio das coisas, tendo por alvo o progresso, a evolução da criatura e não a sua desgraça. A Lei de Deus, que rege a moral das criaturas, por sua vez mantém como base o amor universal. Se, pois, um Espírito reencarnasse com a destinação de ser homicida estaria destruída a lei do amor universal e o crime seria praticado com a aprovação divina, o que é absurdo julgar. O homicídio e o suicídio, portanto, são duas graves infrações das leis estabelecidas por Deus e, por conseguinte, não pode ser destino de ninguém a prática de ambos. Se uma pessoa se torna homicida ou suicida, agiu por sua própria iniciativa, serviu-se do livre-arbítrio, pois todos nós somos responsáveis, temos liberdade para agir livremente, não somos escravos nem autômatos, obrigados sempre a agir sob pressão de outrem ou de uma fatalidade cega. Somos Espíritos dotados de poderes para escolhermos as próprias ações e jamais teremos nossa vontade tolhida senão pelos clamores da própria consciência ou pelo senso da própria razão. E é isso, justamente, que acarretará méritos para o nosso ser espiritual, operando a glória que nos há de transfigurar perante a lei divina. Se agirmos erradamente, fazemo-lo sob nossa

exclusiva responsabilidade. Então, assim sendo, futuramente sofreremos as consequências da nossa desarmonização consciencial com as normas divinas da lei natural que rege a Humanidade, e desse sofrimento, então, surgirá a experiência e a emenda dos maus costumes. Casos há em que o Espírito desencarnado, culpado de homicídio, se vê perseguido pelo remorso, a tal ponto intenso que voluntariamente escolhe uma reencarnação em que sucumbirá também pelo homicídio, ou por outra forma dramática, sofrendo então penalidade idêntica a que infligiu ao próximo anteriormente. Todavia, aquele que, por sua vez, o assassinará, não trouxe o destino de o assassinar. Fê-lo porque seu mau caráter e seus 84 instintos inferiores o arrastaram a isso, levados pelas displicências do próprio livre-arbítrio e não por determinação da Lei de Deus. De outro modo, a Lei divina faculta ao culpado resgatar os crimes praticados, numa ou mais existências terrenas, com outras existências devotadas ao bem, as quais o levarão a proceder de modo inverso ao que procedeu anteriormente. Ele poderá, então, salvar da morte trágica um ou mais indivíduos com o sacrifício ou não da própria vida e exercer o bem de várias outras maneiras. Também poderá sucumbir tragicamente, sem ser por homicídio, e assim sofrer a prova dolorosa que infligiu a outrem, destruindo-lhe a vida corporal. E tudo isso frequentemente acontece sob nossas vistas, bastando apenas observarmos os fatos cotidianos da vida e sobre eles meditarmos à luz dos ensinamentos espíritas, para tudo compreendermos. A Lei de Deus se é severa e não acoberta nossos crimes com um perdão gracioso, que dispensaria a emenda, também é misericordiosa, porque faculta ao culpado vários modos de expiar as faltas, sem provocar o círculo vicioso da prática de novos crimes, para que os crimes do passado sejam expurgados. Uma vida dedicada ao bem, portanto, poderá ser resgate de erros passados, realizações invertidas de outras tantas vidas onde crimes avultaram. O mesmo sucede ao suicídio. O suicida é um infrator, dos mais graves, das Leis de Deus. A responsabilidade do seu ato é unicamente dele, ou, de algum modo, responsabilidade compartilhada por um obsessão, se este existir agravando a situação. Segue-se que a gravidade de ambos os casos não será sempre a mesma, dependendo das circunstâncias particulares a cada caso e até do grau de evolução moral-intelectual de cada um. O estudo das Leis de Deus é, pois, complexo e profundo. O Espiritismo possui elementos para esclarecer o seu adepto sobre muitas nuances dessa lei. Não há necessidade, assim sendo, de o aprendiz espírita debater-se em dúvidas ou recorrer aos sofismas ou às ideias pessoais a fim de esclarecer o seu vizinho. Bastará que, metodicamente, consulte os verdadeiros compêndios doutrinários, ditados do Além pelos emissários do Cristo, que codificaram a Doutrina. Consultemo-los, pois, a fim de que sejamos bons propagandistas das Verdades celestes que a Doutrina dos Espíritos nos revela. Evitemos, para nossas consciências, a responsabilidade de transmitirmos, aos nossos amigos e ouvintes, falsos conceitos doutrinários originados das nossas ideias pessoais pouco esclarecidas. E lembremo-nos de que Jesus, o educador dos nossos Espíritos, conta conosco para intérpretes fiéis do que vem sendo revelado do Alto por um acréscimo de misericórdia para com o gênero humano.

In: À luz do consolador, de Yvone do Amaral Pereira.

TEMA 22

AÇÃO DAS TREVAS

Em entrevista fraterna no Centro Espírita:

- Vim buscar socorro. Ouvi dizer que esta é uma casa abençoada que ajuda as pessoas a resolverem seus problemas.

- Tentamos fazer o melhor. Em que podemos servi-lo, meu irmão?

- São as trevas! Não me dão sossego!

- Trevas?

- Sim! A influência dos maus Espíritos.

- Pode dar um exemplo?

- Há inúmeros, a começar pela profissão. Em meu emprego os colegas vivem a falar mal de mim, inspirados pelas sombras.

- O amigo deve ter apoio em sua religião...

- Devia! As trevas imiscuíram-se até entre os que evocam o nome de Deus e ensinam as lições de Jesus. Não me dão a devida atenção.

- Os amigos...

- Que amigos?! Só vejo hipocrisia ao meu redor! Impossível cultivar amizade com gente que nos sorri, mas no fundo ri de nós.

- Como sabe disso?

- Tenho acurada sensibilidade. Percebo a influência das trevas envolvendo as pessoas.

- E a família?

- Um desastre! Os filhos caçoam de mim. Minha mulher vive a dizer que tenho mania de perseguição. Que devo consultar um psicólogo.

- Procurou?

- Cometi essa asneira. Em princípio foi muito simpático. Ouvia-me atenciosamente, aliás o mínimo que poderia fazer, já que lhe pagava regamente. Mas logo foi envolvido também, pretendendo impor-me a ideia de que eu é que preciso mudar. Não compreendeu que a essência de meu problema está no fato de que perseguidores espirituais induzem as pessoas contra mim.

- É conveniente o amigo pensar melhor. Afinal, se aparentemente todos estão contra nós, talvez seja mais acertado admitir que estamos contra todos...

- Ah! Meu Deus! Assim não é possível! As trevas estão aqui também! ...*São teus olhos a lâmpada do corpo. Se teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso. Se,*

porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que há em ti sejam trevas, que grandes trevas serão!

TEMA 23

O RATO E O MONGE (Da tradição budista)

Sentado em sua caverna no meio de um bosque, o monge meditava, imóvel. Tudo era silêncio e quietude. Mas de repente um camundongo, de olhinhos aflitos, tentando atrair-lhe a atenção, pôs-se a roer-lhe a ponta da sandália.

Interrompido na contemplação pelos caprichos de um insignificante rato, o monge impacientou-se:

- Quem você pensa que é, para assim perturbar minha contemplação?

- Estou morto de fome – respondeu o rato.

- Fora daqui, animal estúpido. Estou prestes a realizar minha união com Deus! Como ousa perturbar-me nessa hora? – disse o monge, com um gesto hostil.

O rato encolheu-se todo e retrucou:

- Quanta pretensão! Querer a unidade com Deus, quem não consegue ser uno comigo.

Histórias maravilhosas para ler e pensar, seleção de Neila Tavares, Editora Nova Era, RJ-2002.

TEMA 24

A GRANDE ILUSÃO

Era uma vez um rei que tinha presenteado sua filha, a princesa, com um belo colar de diamantes. O colar, um dia, foi roubado e as pessoas do reino o procuraram por toda parte, mas não conseguiram encontrá-lo.

Alguns disseram que um pássaro poderia tê-lo roubado.

O rei então pediu a todos para que continuassem a procurá-lo e anunciou uma recompensa de 50.000 dólares para quem o encontrasse.

Um dia um rapaz caminhava de volta para casa ao longo de um rio próximo a uma área industrial. Este rio estava completamente poluído, sujo e fedorento. Enquanto andava, o rapaz viu algo brilhar no rio e quando olhou, viu o colar de diamantes. Decidiu tentar pegá-lo para que ele pudesse obter a recompensa de US \$ 50.000. Ele colocou a mão no rio imundo e agarrou o colar, mas de alguma forma o perdeu e não pode pegá-lo. Tirou a mão para fora e olhou outra vez e o colar ainda estava lá.

Ele tentou novamente, desta vez ele entrou no rio e sujou as calças no imundo rio e afundou seu braço inteiro para pegar o colar. Mas, estranhamente, ele perdeu o colar novamente! Ele saiu e começou a ir embora, sentindo-se deprimido.

Então, outra vez ele viu o colar, bem ali. Desta vez ele estava determinado a obtê-lo, não importava como. Decidiu mergulhar no rio, embora fosse algo repugnante de fazer, pois seu corpo ficaria imundo.

Ele mergulhou e procurou por toda parte pelo colar, mas fracassou. Desta vez ele ficou realmente aturdido e saiu se sentindo muito deprimido, pois não estava conseguindo aproveitar aquela grande chance de ganhar os tais 50 mil dólares.

Só então um monge que estava passando, o viu ali triste, e perguntou-lhe qual era o problema.

O rapaz não queria compartilhar o segredo com o monge, pensando que ele poderia tomar o colar para si, fato que o fez recusar a dizer qualquer coisa. Mas o santo homem

pode ver que o rapaz estava incomodado e, sendo paciente, outra vez pediu ao rapaz que lhe contasse o problema e prometeu que não contaria ninguém sobre isso.

O rapaz reuniu alguma coragem e decidiu colocar um pouco de fé no monge. Ele disse ao monge sobre o colar e como ele tentou e tentou pegá-lo, mas falhara sempre.

O homem de Deus então lhe disse que talvez ele devesse tentar olhar para cima, em direção aos galhos da árvore, em vez de olhar na direção do rio imundo. O rapaz olhou para cima e de fato avistou o colar que estava pendurado no galho de uma árvore. Ele até aquele momento havia apenas tentado capturar um simples reflexo do colar real.

A felicidade material é como o rio poluído e imundo, porque é um mero reflexo da felicidade verdadeira no mundo espiritual.

Nós nunca poderemos alcançar a felicidade que estamos procurando no mundo material, não importa quanto nos esforcemos. Em vez disso, devemos olhar para cima, em direção a Deus, que é a fonte da felicidade real, e parar de perseguir o reflexo desta felicidade no mundo material.

Essa felicidade espiritual é a única coisa que pode nos satisfazer completamente.

.

- 1- Por que o rapaz não conseguia pegar o colar no rio por mais que se esforçasse?
- 2- Normalmente costumamos procuramos a felicidade no lugar certo?
- 3- Por que será que damos tanto valor as coisas materiais?
- 4- Onde está a felicidade que você busca?
- 5- Qual é a lição dessa história?

Texto Esparso

TEMA 25

O VELHO E O MAR

RESUMO DO LIVRO:

Depois de passar quase três meses sem fisgar um peixe, escarnecido pelos colegas de profissão, o velho Santiago enfrenta o alto-mar, sozinho, em seu pequeno barco.

Quer provar aos outros e a si mesmo que ainda é um bom pescador. É em completa solidão que ele travará uma luta de três dias com um peixe imenso, um animal quase mitológico, que lembra um ancestral literário, a baleia Moby Dick.

À medida que o combate se desenvolve, o leitor vai embarcando no monólogo interior de Santiago, em suas dúvidas, sua angústia, sentindo os músculos retesados, a boca salgada e com gosto de carne crua, as mãos úmidas de sangue. Por fim o peixe se dobra à força do pescador. Por ser um peixe grande demais, não havia como colocá-lo dentro do barco, então, ele o conduziria puxado até a praia. Mas a vitória não estava completa – surgem os tubarões.

Quando finalmente consegue chegar à praia, o peixe já estava sem carne, só restava a sua espinha, e Santiago estava sem forças. Os outros)

pescadores, vendo o tamanho do peixe, o maior que alguém já havia pescado, respeitam e ajudam-no, especialmente o jovem Manolin, que gostava muito do velho.

A história representa a luta da vida, quando você acha que está tudo bem, porque já pescou o peixe, vem aquele tubarão para você enfrentar... Vence um obstáculo aqui, logo surge outro ali, e outro acolá, e nem sempre sairemos vitoriosos, pois o fracasso também faz parte da vida, tira-nos do comodismo, mostra que somos imperfeitos e que precisamos ser lapidados, não devemos encarar o fracasso como uma derrota, e sim como uma lição que ensina-nos a ser mais fortes e persistentes nos objetivos almejados.

A luta é individual, cada pessoa vem sozinha ao mundo, atravessa a vida como uma pessoa separada, e finalmente morre sozinha. A solidão é um sentimento interno, é o momento em que sente que está só, até mesmo estando cercado de pessoas. Como não poderia ser diferente, o velho Santiago faz a travessia pelo mar da vida, sozinho, curtindo a solidão e a aventura no alto mar.

O velho já atravessou por todas as fases da vida, e o mar representa essa travessia que proporcionou a ele grandes experiências vividas, às vezes o mar é bom, outras vezes é ruim, temos que aprender a conviver com o bem e com o mal.

A luta desesperada de Santiago, que resume-se ao “desejo de vencer”. Ensina-nos que em certos momentos é preciso ceder o controle da direção, deixar-se levar pela maré, sem resistência. A situação pode estar difícil, mas não devemos desanimar diante

dos obstáculos, é preciso ter perseverança, pois o sofrimento não vem para nos derrotar e sim para nos tornar mais fortes, para nos lapidar e fazer de nós uma joia inigualável.

É preciso passar pela luta para se chegar à vitória, e que nem sempre podemos vencer, mas no fim sempre podemos tirar uma lição da batalha travada. Assim como a felicidade é passageira, o sofrimento não é eterno, sem dor não existe prazer, nos momentos de dificuldades precisamos enxergar os lindos peixes coloridos que nos rodeiam, pois são eles que iluminam e dão coloração para a vida, senão a história escrita por você ficará em “preto e branco”.

O Espiritismo deu vida, sentido existencial, à terceira idade, convidando o idoso a um comportamento sempre feliz, ativo no bem, procurando aproveitar as infinitas oportunidades de aprendizado que a vida nos concede.

À luz da reencarnação, o último período de vida na Terra, mesmo os últimos dias, as derradeiras horas, são valiosas oportunidades de aprender e crescer espiritualmente, porque, repita-se, toda conquista intelectual e moral serão patrimônios inalienáveis e inapagáveis do Espírito.

*Na obra *O Consolador*, também do médium Francisco Cândido Xavier, o benfeitor Emmanuel, ao abordar o tema em questão, orienta que: *A existência na Terra é um aprendizado excelente e constante. Não há idades para o serviço de iluminação espiritual (...) e a velhice não tem o direito de alegar cansaço orgânico em face desses estudos de sua necessidade própria.**

(...) os homens mais avançados em anos têm, contudo, a seu favor as experiências da vida, que facilitam a compreensão e nobilitam o esforço da iluminação de si mesmos, considerando que, se a velhice é a noite, a alma terá no amanhã do futuro a alvorada brilhante de uma vida nova. (q. 223)

Dessa forma, o idoso poderá alegar cansaço e falta de vigor físico para algumas tarefas materiais, mas jamais para sua missão de iluminação espiritual, porque, sempre será tempo de desenvolver ou fortalecer virtudes, educar os sentimentos, libertar-se de um defeito, orar pelo próximo, ler um bom livro, escutar uma palestra educativa, fazer o bem etc.

Infelizmente, muitos idosos têm praticado o suicídio direto (alta taxa de suicídio após os setenta anos de idade em algumas regiões da Terra), ou negam-se a viver, aguardando de forma melancólica a morte, como se nada mais pudessem realizar.

Quanto ao suicídio direto, basicamente são três os fatores que alimentam essa infeliz ideia:

1- *Conviver com as perdas*: normalmente, o idoso enfrenta diversas perdas, desde a perda do vigor físico e da saúde até a perda dos entes queridos, o que pode gerar a depressão e a falta de vontade de viver.

O Espiritismo convida o idoso a refletir sobre a transitoriedade da matéria e a perenidade do Espírito, de tal sorte que é natural o desgaste do corpo físico, devendo o tempo de vida física ser aproveitado para atender os compromissos materiais e sobretudo os espirituais, morais, sabendo, ainda, que haverá, oportunamente, o reencontro, na pátria espiritual, com os entes queridos que já partiram.

Aliás, algumas vezes, a perda da saúde que os torna dependentes, parcial ou

integralmente, de algum parente, amigo ou terceiros, os está convidando a exercitar a humildade (reconhecer que têm limites e necessitam do próximo) e a gratidão (por haver pessoas que os estão cuidando).

2- *Sentir-se um fardo*: em algumas ocasiões, o idoso se sente um peso para a família, por causa dos cuidados que necessita, e, infelizmente, alguns familiares colaboram para essa sensação em razão das reclamações constantes, quando não colocam os pais, os avós morando no fundo do imóvel, quase na condição de algum estranho ou de alguém esquecido.

Sob a ótica do Evangelho, caberá aos familiares cuidar com ternura dos seus idosos, até porque, normalmente, receberam deles, em suas infâncias, todo o cuidado que necessitavam. Caberá ao idoso, se for tratado com desdém e indiferença, exercitar o perdão e a compaixão, entendendo os limites morais dos familiares, fazendo o melhor para contornar essa situação, amando-os sempre.

3- *Perda do sentido existencial*: alguns idosos pensam que estão próximos da morte e, portanto, não têm qualquer perspectiva de realizarem algo a mais em favor da vida e de si mesmos, de forma que começam a idealizar o suicídio.

A veneranda religião espírita, conforme já anotado neste artigo, convida todos a promover a evolução intelecto-moral até os últimos suspiros de vida, porque toda essa conquista será patrimônio do Espírito imortal que somos, portanto, o Espiritismo propicia essa noção de sentido existencial a todos, inclusive aos idosos, mesmo quando a desencarnação já esteja próxima.

Assim sendo, com o aumento da população de idosos no mundo e com a melhora progressiva da qualidade de vida, vem o Espiritismo, na condição de Cristianismo Redivivo, conclamar o idoso que sempre seja grato pela vida, jovial, alegre e que possa ser um cristão dedicado, ativo no bem, em todos os momentos e situações, porque, como disse Jesus a Simão, o Zelote - *Ser moço ou velho, no mundo, não interessa! ... Antes de tudo, é preciso ser de Deus!*

<http://www.mundoespirita.com.br/?materia=perspectiva-espirita-para-o-idoso>

(Ernest Hemingway

TEMA 26

A HISTÓRIA DO ZÉ ALEGRIA

Havia uma fazenda onde os trabalhadores viviam tristes e isolados.

Eles estendiam suas roupas surradas no varal e alimentavam seus magros cães com o pouco que sobrava das refeições.

Todos que viviam ali trabalhavam na roça do Sr. João, dono de muitas terras, que exigia trabalho duro, pagando pouco.

Um dia chegou ali um jovem agricultor em busca de trabalho.

Foi admitido e recebeu, como todos, uma velha casa para morar enquanto trabalhasse ali. Vendo a casa suja e abandonada, o jovem resolveu dar-lhe vida nova.

Cuidou da limpeza e, em suas horas vagas, lixou e pintou as paredes com cores alegres e brilhantes, além de plantar flores no jardim e nos vasos.

A casa limpa e arrumada destacava-se das demais e chamava a atenção de todos que por ali passavam.

Ele sempre trabalhava alegre e feliz na fazenda, por isso tinha o apelido de Zé Alegria.

Os outros trabalhadores perguntavam: "Como você consegue trabalhar feliz e sempre cantando com o pouco dinheiro que ganhamos?"

O jovem olhou para os amigos e disse: "Bem, este trabalho hoje é tudo que eu tenho. Ao invés de blasfemar e reclamar, prefiro agradecer por ele. Quando aceitei trabalhar aqui, sabia das condições. Não é justo agora reclamar. Farei com capricho e amor aquilo que aceitei fazer."

Os outros, que acreditavam ser vítimas das circunstâncias, abandonados pelo destino, o olhavam admirados e comentavam entre si: "Como ele pode pensar assim?"

O entusiasmo do rapaz, em pouco tempo, chamou a atenção do fazendeiro, que passou a observá-lo à distância.

Um dia o Sr. João pensou: - "Alguém que cuida com tanto carinho da casa que emprestei, cuidará com o mesmo capricho da minha fazenda. - Ele é o único aqui que pensa como eu. - Estou velho e preciso de alguém que me ajude na administração da fazenda.

Num final de tarde, foi até a casa do rapaz e, após tomar um café fresquinho, ofereceu ao jovem o cargo de administrador da fazenda.

O rapaz aceitou prontamente.

Seus amigos agricultores novamente foram lhe perguntar: "O que faz algumas pessoas serem bem sucedidas e outras não?".

A resposta do jovem veio logo:

"Em minhas andanças, meus amigos, eu aprendi muito e o principal é que: não somos vítimas do destino. Existe em nós a capacidade de realizar e dar vida nova a tudo que nos cerca. E isso depende de cada um".

POSTED BY STORYTELLER AT 6.9.04

Autoria desconhecida.

TEMA 27

A LIÇÃO INESQUECÍVEL

Hilda, menina abastada, diariamente dirigia más palavras à pequena vendedora de doces que lhe batia humildemente à porta da casa.

- Que vergonha! De bandeja! De esquina a esquina! Vai-te daqui! Gritava sem razão.

A modesta menina se punha pálida e trêmula. Entrementes, a dona da casa, tentando educar a filha, vinha ao encontro da pequena humilhada e dizia bondosa:

- Que doces tão perfeitos! Quem os fez assim tão lindos?

A mocinha, reanimada, respondia, contente:

- Foi a mamãe.

A generosa senhora comprava sempre alguma coisa e, em seguida,

Recomendava à filha:

- Hilda, não brinques com o destino. Nunca expulses o necessitado que nos procura. Quem sabe o que sucederá amanhã? Aqueles que socorremos serão provavelmente os nossos benfeitores.

A menina resmungava e, à noite, ao jantar, o pai secundava os conselhos maternos, acrescentando:

- Não zombes de ninguém, minha filha! O trabalho, por mais humilde, é sempre respeitável e edificante. Por certo dolorosas necessidades impelirão uma criança a vender doces, de porta em porta.

Hilda, contudo, no dia seguinte, fustigava a vendedora, exclamando:

- Fora daqui! Bruxa! Bruxa! ...

A mãe devotada acolhia a pequena descalça e repetia à filha as advertências carinhosas da véspera.

Correu o tempo e, depois de quatro anos, o quadro da vida se modificara. O paizinho de Hilda adoeceu e de balde os médicos procuraram salvá-lo. Morreu numa tarde calma, deixando o lar vazio.

A viúva recolheu-se ao leito extremamente abatida e, com as despesas enormes, em breve a pobreza e o desconforto invadiram-lhe a residência. A pobre senhora mal podia mover-se. Privações chegaram em bando. A menina, anteriormente abastada, não

Podia agora comprar nem mesmo um par de sapatos.

Aflita por resolver a angustiada situação, certa noite Hilda chorou muitíssimo, lembrando-se do papai. Dormiu, lacrimosa e sonhou que ele vinha do Céu confortá-la. Ouviu-o dizer, perfeitamente:

- Não desanimes, minha filha! Vai trabalhar! Vende doces para auxiliar a mamãe! ...

Despertou, no dia imediato, com o propósito firme de seguir o conselho. Ajudou a mãezinha enferma a fazer muitos quadradinhos de doce-de-leite e, logo após, saiu a vendê-

los. Algumas pessoas generosas compravam-nos com evidente intuito de auxiliá-la, entretanto, outras criaturas, principalmente meninos perversos, gritavam-lhe aos ouvidos:

- Sai daqui! Bruxa de bandeja! ...

Sentia-se triste e desalentada, quando bateu à porta de uma casa modesta. Graciosa jovem atendeu. Ah! Que surpresa! Era a menina pobre que costumava vender cocadas noutro tempo. Estava crescadinha, bem vestida e bonita.

Hilda esperou que ela a maltratasse por vingança, mas a jovem humilde fitou nela os grandes olhos, reconheceu-a, compreendeu-lhe a nova situação e exclamou, contente:

- Que doces tão perfeitos! Quem os fez assim tão lindos?

A interpelada lembrou os ensinamentos maternos de anos passados e informou:

- Foi a mamãe.

A ex vendedora comprou quantos quadrinhos restavam na bandeja e abraçou-a com sincera amizade.

Desse dia em diante, a menina vaidosa transformou-se para sempre. A experiência lhe dera inesquecível lição!

Antologia da Criança, Néio Lúcio, espíritos diversos

TEMA 28

PONTO DE VISTA

Um famoso escritor em sua sala de estudo começou a refletir sobre o ano que passou e escreveu:

- No ano passado precisei fazer uma cirurgia para a retirada da vesícula biliar. Tive que ficar de cama por um bom tempo.

- Nesse mesmo ano, cheguei a idade de 60 anos e tive que renunciar ao meu trabalho favorito. Havia permanecido 30 anos naquele editorial.

- No mesmo ano, experimentei a dor pela morte de meu pai e meu filho fracassou em seu exame médico porque teve um acidente de automóvel e ficou hospitalizado por vários dias. A destruição do carro foi outra perda.

Ao final escreveu:

“FOI UM ANO MUITO MAL!”

Quando a esposa do escritor entrou na sala, o encontrou triste em meio aos seus pensamentos. Por trás dele, leu o que estava escrito no papel.

Saiu da sala em silêncio e voltou com outro papel que colocou ao lado do papel de seu marido.

Quando o escritor viu o papel, encontrou escrito o seguinte:

- No ano passado finalmente me desfiz de minha vesícula biliar, depois de passar anos com dor.

- Completei 60 anos com boa saúde e me retirei do meu trabalho. Agora posso utilizar meu tempo para escrever com maior paz e tranquilidade.

- No mesmo ano, meu pai, com a idade de 95 anos, sem depender de nada e sem nenhuma condição crítica, conheceu seu Criador.

- No mesmo ano, Deus abençoou o meu filho com uma nova oportunidade de vida. Meu carro foi destruído, mas meu filho ficou vivo sem nenhuma sequela.

Ao final, ela escreveu:

“ESSE ANO FOI UMA GRANDE BENÇÃO!”

Eram os mesmos acontecimentos, mas com pontos de vista diferentes!

- Não é a FELICIDADE que nos faz AGRADECIDOS... mas, sim, o AGRADECIMENTO que nos faz FELIZES! Sempre há algo para agradecer! Você escolhe como escrever sua história!

Graças, Deus, por mais um dia!

Refletir que todo acontecimento tem aspectos positivos e negativos, a forma como analisamos pode nos tirar energia ou motivar na persistência do foco perseguido.

TEMA 30

BEM AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

...Bem Aventurados os misericordiosos, pois obterá misericórdia.

Esta é uma breve síntese da Lei da Vida, que Jesus desenvolve completamente no Sermão (Mt. 7: 1-5). Da forma em que é apresentada, esta Bem-Aventura não precisa de grandes comentários, porque as palavras nela empregadas têm o significado que até hoje lhes damos na vida cotidiana e a afirmação nela contida é tão clara e óbvia quanto a lei em questão é simples e inflexível.

O ponto que o cristão científico precisa observar é que, como de hábito, a importância vital do princípio enunciado nesta Bem-Aventura está em sua aplicação à esfera do pensamento. O que realmente importa é que a pessoa seja misericordiosa em sua maneira de pensar. Boas ações acopladas a maus pensamentos são simples hipocrisia, ditada pelo medo ou pelo desejo de sobressair, ou por qualquer outro motivo. São mentiras, que não abençoam nem a quem as faz, nem a quem as recebe. Por outro lado, o pensar bem sobre nossos semelhantes, os abençoa. Sejamos misericordiosos ao julgar mentalmente nossos irmãos, porque, na verdade, somos todos um só e, quanto mais profundamente nosso irmão parece errar, mais urgente é nossa necessidade de ajudá-lo com o pensamento certo e tornar-lhe mais fácil libertar-se. Você que compreende o poder da ideia espiritual, da Verdade de Cristo, tem uma responsabilidade que outros não têm; procure não fugir a ela. Quando os erros de seu semelhante lhe chegarem aos ouvidos, lembre-se de que o Cristo que há dentro dele está pedindo ajuda a você, que está iluminado, e seja misericordioso.

Por sermos todos um só de fato e de verdade, partes componentes da roupagem viva de Deus, você acabará recebendo o mesmo tratamento que dá aos outros; receberá a mesma ajuda piedosa, quando precisar, dos que estiverem em condições de lhe dar a mão. Acima de tudo, é verdade que, ao libertar os outros do peso de sua condenação, você torna possível absolver-se a si mesmo da autocondenação.

Extraído do livro: “O Sermão da Montanha” – Emmet Fox – p. 41 – 19ª Edição.

TEMA 31

AMIGO DE VERDADE

Certa vez, um soldado disse ao seu tenente:

– Meu amigo não voltou do campo de batalha, senhor. Solicito permissão para ir buscá-lo.

– Permissão negada, replicou o oficial. Não quero que arrisque a sua vida por um homem que provavelmente está morto.

O soldado, ignorando a proibição, saiu, e uma hora mais tarde regressou, mortalmente ferido, transportando o cadáver de seu amigo.

O oficial estava furioso:

– Já tinha dito que ele estava morto! Agora eu perdi dois homens! Diga-me: valeu a pena trazer um cadáver?

E o soldado, moribundo, respondeu:

– Claro que sim, senhor! Quando o encontrei, ele ainda estava vivo e pôde me dizer: "Tinha certeza de que você viria!"

<<<<<<<>>>>>>>>

Amigo verdadeiro é aquele que chega quando todos já se foram.

TEMA 32

O ANJO CINZENTO

Para que o Homem adquirisse confiança em Sua Bondade Infinita, determinou o Senhor que vários Anjos o amparassem na Terra, amorosamente...

Em razão disso, quando mal saía do berço, aproximou-se dele um Anjo Lirial que, aproveitando os lábios daquela que se lhe constituíra em mãezinha adorável, lhe ensinou a repetir:

— Deus...Pai do Céu... Papai do Céu...

Era o Anjo da Pureza.

Mais tarde, soletrando o alfabeto, entre as paredes da escola, acercou-se dele um Anjo de Luz Verde que, por intermédio da professora, o ajudou a pronunciar em voz firme:

— Deus, Nosso Pai Celestial, é o Criador de todos os seres e de todas as coisas...

Era o Anjo da Esperança.

Alongaram-se lhe os dias, até que penetrou uma casa de ensino superior, sob cujo teto venerável foi visitado por um Anjo de Luz de Ouro que, através de educadores eméritos, lhe falou acerca da glória e da magnificência do Eterno, utilizando a linguagem da filosofia e da ciência.

Era o Anjo da Sabedoria.

O Homem compulsou livros e consultou autoridades, desejando a comunhão mais direta com o Senhor e fazendo-se caprichoso e exigente.

Olvidando o direito dos semelhantes, propunha-se conquistar as atenções de Deus tão somente para si. A Majestade Divina, a seu parecer, devia inclinar-se aos petitórios, atendendo-lhe as Desarrazoadas solicitações, sem mais nem menos; e, porque o Criador não se revelasse disposto a personalizar-se para satisfazê-lo, começou a cultivar o espinheiro da negação e da dúvida.

Por mais insistisse o Anjo Dourado, rogando-lhe reverenciar o Senhor, acatando-lhe as leis e os desígnios, mais se mergulhava na hesitação e na indiferença.

Atormentado, procurou um templo religioso, onde um Anjo Azul o socorreu, valendo-se de um sacerdote para recomendar-lhe a prática do trabalho e da humildade, com a retidão da consciência e com a perseverança no bem.

Era o Anjo da Fé.

O Homem registrou- lhe os avisos, mas, sentindo enorme dificuldade para render-se aos exercícios da virtude, clamava intimamente:

— “Deus? Mas existirá Deus realmente? Por que razão não me oferece provas indiscutíveis do seu poder?”

Frequentando o templo para não ferir as convenções sociais, foi auxiliado por um Anjo Róseo que lhe conduziu a inteligência à leitura de livros santos, comovendo-lhe o coração e conduzindo-lhe o sentimento à prática do amor e da renúncia, da benevolência e do sacrifício, de maneira a abreviar o caminho para o Divino Encontro.

Era o Anjo da Caridade.

O teimoso estudante aprendeu que não lhe seria lícito aguardar as alegrias do Céu, sem havê-las merecido pela própria sublimação na Terra.

Ainda assim, monologava indisciplinado:

— “Se sou filho de deus e se Deus existe, não justifico tanta formalidade para encontrá-lo...”

E prosseguia surdo aos orientadores angélicos.

Casou-se, constituiu família, amealhou dinheiro e garantiu-se contra as vicissitudes da sorte; entretanto, por mais se esforçassem os Anjos da Caridade e da Sabedoria, da Esperança e da

Fé, no sentido de favorecer-lhe a comunhão com o Céu, mais repudiava os generosos conselheiros, exclamando de si para consigo:

— “Deus? Mas existirá efetivamente Deus?”

Enrugando-se-lhe o rosto e encanecendo-se-lhe a cabeça orgulhosa, reuniram-se os gênios amigos, suplicando a compaixão do Senhor, a benefício do rebelde tutelado.

Foi quando desceu da Glória Celeste um Anjo Cinzento, de semblante triste e discreto.

Não tomou instrumentos para comunicar-se.

Ele próprio abeirou-se do revoltado filho do Altíssimo, abraçou-o e assoprou-lhe ao coração a mensagem que trazia...

Sentindo-lhe a presença, o Homem cambaleou, deitou-se e começou a reconhecer a precariedade dos bens do mundo... Notou quão transitória era a posse dos patrimônios terrestres, dos quais não passava de usufrutuário egoísta... Observou que a sua felicidade passageira era simples sombra a esvaír-se no tempo... E, assinalando sofrimento e desequilíbrio no âmago de si mesmo, compreendeu que tudo que desfrutava na vida era empréstimo divino da

Eterna Bondade...

Meditou... Meditou... reconsiderando as atitudes que lhe eram peculiares e, em lágrimas de sincera e profunda compulsão, qual se fora tenro menino, dirigiu-se pela primeira vez, com toda a alma, ao Todo Poderoso, suplicando:

— Deus de Infinita Misericórdia, meu Criador e meu Pai, compadece-te de mim!...

O Anjo Cinzento era o Anjo da Enfermidade.

TEMA 33

CARTA A MEU FILHO

Meu filho, dito esta carta para que você saiba que estou vivo.

Quando você me estendeu a taça envenenada que me liquidou a existência, não pensávamos nisso. Nem você, nem eu! A ideia da morte vagueava longe de mim, porque esperava de suas mãos apenas o remédio anestésico para a minha enxaqueca.

Entendi tudo, porém, quando você, transtornado, cerrou subitamente a porta e exclamou com frieza:

- Morre, velho!

As convulsões que me tomavam de improviso traumatizavam-me a cabeça...

Era como se afiada navalha me cortasse as vísceras num braseiro de dor.

Pude ainda, no entanto, reunir minhas forças em suprema ansiedade e contemplar você, diante de meus olhos.

Suas palavras ressoavam-me aos ouvidos: - “morre, velho! ”.

Era tudo o que você, alterado e irreconhecível, tinha agora a dizer.

Entretanto, o amor em Minh ‘Alma era o mesmo.

Tornei à noite recuada quando o afaguei pela primeira vez.

Sua mãezinha dormia, extenuada...

Pequenino e tenro de encontro ao meu peito, senti em você meu próprio coração a vagir nos braços...

E as recordações desfilaram, sucessivas.

Você, qual passarinho contente a abrigar-se em meu colo, o álbum de fotografias em que sua imagem apresentava desenvolvimento gradativo em todas as posições, as festas de aniversário e os bolos coloridos enfeitados de velas que seus lábios miúdos apagavam sempre numa explosão de alegria... Rememorei nossa velha casa, a princípio humilde e pobre, que o meu suor convertera em larga habitação, rica e farta... Agoniado, recordei incidentes, desde muito esquecidos, nos quais me observava expulsando crianças ternas e maltrapilhas do grande jardim de inverno para que nosso lar fosse apenas seu... Reencontrei-me, trabalhando, qual suarento animal, para que as facilidades do mundo nos atendessem as ilusões e os caprichos...

Em todos os quadros a se me reavivarem na lembrança, era você o grande soberano de nosso pequeno mundo...

O passado continuou a desdobrar-se, dentro de mim. Revisei nossa luta para que os livros lhe modificassem a mente, o baldado esforço para que a mocidade se lhe erigisse em alicerce nobre ao futuro... De volta às antigas preocupações que me assaltavam, anotei-lhe, de novo, as extravagâncias contínuas, os aperitivos, os bailes, os prazeres, as companhias desaconselháveis, a rebeldia constante e o carro de luxo com que o presenteei num momento infeliz...

Filho do meu coração, tudo isso revi...

Dera-lhe todo o dinheiro que conseguira juntar, mas você desejava o resto.

Nas vascas da morte, vi-o, ainda, mãos ansiosas, arrebatando-me o chaveiro para

surripiar as últimas joias de sua mãe... Vi perfeitamente quando você empalmou o dinheiro, que se mantinha fora de nossa conta bancária, e, porque não podia odiá-lo, orei – talvez com fervor e sinceridade pela primeira vez – rogando a Deus nos abençoasse e compreendendo, tardiamente, que a verdadeira felicidade de nossos filhos reside, antes de tudo, no trabalho e na educação com que lhes venhamos a honrar a vida.

Não dito esta carta para acusá-lo.

Nem de leve me passou pelo pensamento o propósito de anunciar-lhe o nome.

Você continua sangue de meu sangue, coração de meu coração.

Muitas vezes, ouvi dizer que há filhos criminosos, mas entendo hoje que, na maioria das circunstâncias, há, junto deles, pais delinquentes por acreditarem muito mais na força do cofre que na riqueza do espírito, afogando-os, desde cedo, na sombra da preguiça e no vício da ingratidão.

Não venho falar, assim, unicamente a você, porque seu erro é o meu erro igualmente. Falo também a outros pais, companheiros meus de esperança, para que se precatem contra o demônio do ouro desnecessário, porque todo ouro desnecessário, quando não busca o conselho da caridade, é tentação à loucura.

Há quem diga que somente as mães sabem amar e, realmente, o regaço materno é uma benção do paraíso. Entretanto, meu filho, os pais também amam e, por amar imensamente a você, dirijo-lhe a presente mensagem, afirmando-lhe estar em prece para que a nossa falta encontre socorro e tolerância nos tribunais da Divina Justiça, aos quais rogo me concedam, algum dia, a felicidade de tê-lo novamente ao meu lado, por retrato vivo de meu carinho...

Então nós dois juntos, de passo acertado no trabalho e no bem, aprenderemos, enfim, como servir ao mundo, servindo a Deus.

TEMA 34

A PESCARIA INESQUECÍVEL

Ele tinha onze anos e, a cada oportunidade que surgia, ia pescar no cais próximo ao chalé da família, numa ilha que ficava em meio a um lago.

A temporada de pesca só começaria no dia seguinte, mas pai e filho saíram no fim da tarde para pegar apenas peixes cuja captura estava liberada.

O menino amarrou uma isca e começou a praticar arremessos, provocando ondulações coloridas na água. Logo, elas se tornaram prateadas pelo efeito da lua nascendo sobre o lago.

Quando o caniço vergou, ele soube que havia algo enorme do outro lado da linha. O pai olhava com admiração, enquanto o garoto, habilmente e com muito cuidado, erguia o peixe exausto da água.

Era o maior que já tinha visto, porém sua pesca só era permitida na temporada e ainda faltavam algumas para a sua abertura. O garoto olhou para o peixe, tão bonito, as guelras movendo para trás e para frente. Em seguida, o pai olhou para o peixe e depois para o menino, dizendo:

— Você tem de devolvê-lo, filho! — Mas, papai, reclamou o menino. — Vai aparecer outro, insistiu o pai. — Não tão grande quanto este, choramingou a criança.

O garoto olhou à volta do lago. Não havia outros pescadores ou embarcações à vista. Voltou novamente o olhar para o pai. Mesmo sem ninguém por perto, sabia, pela firmeza em sua voz, que a decisão era inegociável. Devagar, tirou o anzol da boca do enorme peixe e o devolveu à água escura. O peixe movimentou rapidamente o corpo e desapareceu.

Naquele momento, o menino teve certeza de que jamais pegaria um peixe tão grande quanto aquele. Isso aconteceu há trinta e quatro anos. Hoje, o garoto é um arquiteto bem-sucedido. O chalé continua lá, na ilha em meio ao lago, e ele leva seus filhos para pescar no mesmo cais.

Sua intuição estava correta. Nunca mais conseguiu pescar um peixe tão maravilhoso como o daquela noite. Porém, sempre vê o mesmo peixe todas as vezes que depara com uma questão ética. Porque, como o pai lhe ensinou, a ética é simplesmente uma questão de certo e errado. Agir corretamente, quando se está sendo observado, é uma coisa. A ética, porém, está em agir corretamente quando ninguém está nos observando. Essa conduta reta

só é possível quando, desde criança, aprendeu-se a devolver o peixe à água.

A boa educação é como uma moeda de ouro: tem valor em toda parte.

(encontrada no livro “Histórias para aquecer o coração dos pais” de James P. Lenfety)

TEMA 35

A SALVAÇÃO INESPERADA

Num país europeu, certa tarde, muito chuvosa, um maquinista, cheio de fé em Deus, começando a acionar a locomotiva com o trem repleto de passageiros para longa viagem, fixou o céu escuro e repetiu, com sentimento a oração dominical.

O comboio percorreu léguas e léguas, dentro das trevas densas, quando, alta noite, ele viu, a luz do farol aceso, alguns sinais que lhe pareceram feitos pela sombra de dois braços angustiados a lhe pedirem socorro.

Emocionado, fez o trem parar, de repente, e, seguido de muitos viajantes, correu pelos trilhos de ferro, procurando verificar se estavam ameaçados de algum perigo.

Depois de alguns passos, foram surpreendidos por gigantesca inundação que, invadindo a terra com violência, destruíra a ponte que o comboio deveria atravessar.

O trem fora salvo, milagrosamente.

Tomados de infinita alegria, o maquinista e os viajantes procuraram a pessoa que lhes fornecera o aviso salvador, mas ninguém aparecia. Intrigados, continuaram na busca, quando encontraram no chão um grande morcego agonizante. O enorme voador batera as asas, à frente do farol, em forma de dois braços agitados, e caíra sob as engrenagens. O maquinista retirou-o com cuidado e carinho, mostrou-o aos passageiros assombrados e contou como orara, ardentemente, invocando a proteção de Deus, antes de partir. E, ali mesmo, ajoelhou-se, ante o morcego que acabava antes de morrer, exclamando em alta voz:

Pai Nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu: o pão nosso de cada dia dá-nos hoje, perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos os nossos devedores, não nos deixes cair em tentação e livra-nos do mal, porque teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Assim seja.

Quando acabou de orar, grande quietude reinava na paisagem. Todos os passageiros, crentes e descrentes, estavam ajoelhados, repetindo a prece com amoroso respeito. Alguns choravam de emoção e reconhecimento, agradecendo ao Pai Celestial, que lhes salvara a vida, por intermédio de um animal que infunde tanto pavor às criaturas humanas. E até a chuva parara de cair, como se o céu silencioso estivesse igualmente acompanhando a sublime oração.

TEMA 36

TRÊS ALMAS

Na antecâmara do Céu, três almas se reuniam, à espera do anjo da Passagem, que, por fim, veio atendê-las no etéreo limiar.

Uma em veste branca, outra em traje dourado e a última em roupagem escura.

A primeira, ostentando nívea túnica, ataviada de linfas guirlandas, erguia a desassombrada cabeça e dizia sem palavras: - “quem mostrará maior pureza que a minha?”.

O mensageiro acolheu-a com bondade e abriu-lhe a porta de acesso; contudo, ao transpô-la, como que aturdida por invisíveis raios, a entidade recuou, exclamando:

- Não posso! Não posso! ...

Disparando interrogações ao vigilante fiscal, explicou-se este, afetuoso:

- Realmente, envergas o manto lírial, mas o teu coração permanece pesado e escuro. A beleza de tua veste não representa virtude, porque te acovardaste ante a luta. Salvaste as aparências, à custa do suor alheio. Outros choraram e sofreram, para que te mantivesses na pureza externa. Volta ao mundo e santifica o vaso do sentimento.

Adiantou-se a segunda entidade, exibindo dourada coroa na fonte. De aspecto grave, na bela túnica jalde em que se envolvia, pensava: - “quem saberá mais do que eu?”

Do sagrado pórtico, no entanto, retrocedeu, com expressão de terror, e, fazendo perguntas ao anjo, dele ouviu novos esclarecimentos:

- Mostras a glória do saber, mas o teu coração jaz inerte e enregelado. Adquiriste a palma da ciência; todavia, como pudeste esquecer o labor dos que padecem pela exaltação do bem? Torna à casa dos homens e acorda para a compaixão, para o auxílio e para a caridade.

Logo após, a terceira aproximou-se hesitante, atendendo ao chamado que o emissário do alto lhe dirigia.

Trazia a fronte humilhada e a vestidura coberta de lama e cinza. Abeirou-se, em lágrimas, do milagroso portal, exclamando consigo: - “Senhor, que será de mim?”

Em se colocando, porém, à frente das forças que fluíam da abertura, claridade radiosa se fez em torno dela e o que era barro e fuligem transformou-se em luz que parecia nascer-lhe do peito, no imo do coração transformado em sol.

A alma extática e venturosa partiu, demandando os resplandecentes cimos.

E, porque as duas almas incapazes da subida lhe dirigissem novas inquirições, o funcionário angélico esclareceu:

- Vimos agora um coração diligente na obra do amor universal. Aquele viajante, que ora se dirige para o Trono Eterno, veio até nós em condições que nos pareciam desfavoráveis; no entanto, a lama que lhe extravasava das mãos e dos pés, a nuvem de pó que lhe cobria o rosto e os braços, enegrecendo-lhe as vestes, eram os remanescentes da calúnia, da ironia, da maldade e da ingratidão que lhe foram atiradas na Terra por muitos, e

que ele suportou, com paciência, durante longo tempo, na obra da fraternidade entre as criaturas. As úlceras que se lhe abriram na alma ditosa, porém, transsubstanciaram-se em pontos de sintonia com a luz celestial, que nele se inflamou, vigorosa e sublime, descortinando-lhe o caminho da imortalidade. Determina a justiça

Receba cada um de acordo com as suas obras.

E enquanto o obreiro aprovado se elevava, célere, no Infinito, a alma branca e a alma dourada volviam ao mundo de matéria espessa, a fim de diplomarem, convenientemente, no aprendizado divino do “fazer e servir”

Mâncio da Cruz

TEMA 37

DOR SUFICIENTE

Um viajante saiu da cidade de São Paulo com destino a Ribeirão Preto e parou no meio do caminho para abastecer o carro. Quando ele desceu do carro para fazer o pagamento, ele observou que havia um cachorro que gemia e uivava, resmungava e uivava.

Ele foi até a loja de conveniência, tomou um café, usou o toalete e saiu uns 20 minutos depois. Quando passou por aquele lugar, o cachorro ainda estava lá, gemendo e uivando.

Então, o viajante não se conteve e perguntou:

-- Por que este cachorro está uivando tanto? O que está acontecendo com ele?

E o frentista respondeu:

-- É que ele está deitado em cima de um prego e o prego deve estar machucando.

-- Mas então, se está machucando, por que ele não levanta e sai do lugar?

-- Por que a dor deve ser pouca, o suficiente para gemer e uivar, mas não tão intensa para ele tomar uma decisão e sair do lugar...

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

E assim acontece com muita gente que sofre. A dor é suficiente para reclamar, mas não tão intensa a ponto da pessoa fazer alguma coisa para melhorar. Neste caso a verdadeira doença é espiritual, acomodação, falta de iniciativa, ignorância das leis divinas.

Quando Jesus pergunta ao cego Bartimeu: "O que queres que eu faça?" Na verdade, Ele estava perguntando: "Você já sofreu o suficiente para querer mudar?"

A dor tem uma função importante de preservação do organismo, indicando que há algo errado que precisa ser ajustado. A dor é pedagógica, é um marcador que indica a necessidade de descobrir e mudar alguma coisa; tanto no aspecto corporal como no aspecto moral.

TEMA 38

OLHAR PARA DENTRO DE SI

Certo dia um rapaz desiludido resolveu seguir o exemplo dos contos de fadas. Colocou-se frente a seu espelho e perguntou:

- Querido espelho, olhe para mim e me diga: existe alguém mais infeliz do que eu?

- Com certeza, respondeu o espelho, existe alguém mais triste do que você neste momento. E este alguém sou eu.

O rapaz olhou espantado. O espelho continuou:

- Você não imagina a dor que sinto ao ver, no meu reflexo, uma pessoa que deixou seus problemas tomarem conta de sua vida, que não tem mais vontade de lutar e, principalmente, que não consegue ver dentro de si as suas qualidades, suas capacidades, seu talento.

- É pena que você não veja através de mim toda a sua facilidade em lidar com as pessoas, o quanto encantadora é a sua voz, o quanto seu coração é forte e o quanto as pessoas o amam. Olhe para você! Levante essa cabeça, pois as dificuldades, todos temos, assim como todos guardam dentro de si uma estrela, algo especial, a capacidade de tornar a própria vida prazerosa. Quantas são as pessoas que gostariam de ser como você: saudável, inteligente, e com toda uma vida pela frente! Use sua sensibilidade – ela é essencial para a vida. Motive-se: ao acordar pela manhã pense em algo do tipo “hoje meu dia será produtivo”. Faça isso com amor no coração e concentre-se em seus objetivos. Amigo, a vida é tão curta. Não perca tempo com os momentos ruins. Faça deles experiência positiva para continuar.

A felicidade plena depende do nosso amor próprio. Sonhe muito, faça planos e, acima de tudo, sinta-se capaz – para que os outros também possam senti-lo.

100 Estórias de Vida e Sabedoria, Osvino Toillier (Org.) – Edit. Sinodal - 2007

TEMA 39

O MÉDICO

Messias, um médico, trabalha em seu consultório com a enfermeira, com bastante tranquilidade.

Atende todos os seus pacientes com muito amor e dedicação. Todos os pacientes vêm para o atendimento com hora marcada, nunca havendo qualquer problema por atraso em suas consultas. Seu consultório sempre está lotado de clientes e jamais deixa de fazer um atendimento a qualquer pessoa que o procure.

Uma tarde, chegou ao consultório um homem, muito nervoso e desequilibrado, que não tinha hora marcada e queria ser atendido imediatamente e falar com o Dr. Messias.

Iniciou uma discussão com a enfermeira e, aos gritos, exigia o pronto-atendimento do médico, levando todos os demais pacientes ao pânico de que alguma violência fosse causada por parte do homem que gritava e batia os punhos nos móveis com muita fúria.

Dr. Messias terminou o atendimento que estava fazendo, e foi à sala de espera ver o que estava ocorrendo; o que era todo aquele barulho.

O homem, nervoso, quando viu o médico na sala de espera, passou a agredi-lo com palavras de baixo calão, com ofensas morais e até tentou agredi-lo fisicamente, o que só não foi possível graças à intervenção dos demais clientes. Mesmo assim quebrou alguns móveis da sala de espera e foi embora desacatando o dedicado médico, que não respondeu a nenhuma das agressões sofridas.

Sua enfermeira, muito nervosa, perguntou com indignação: “Dr. Messias, por que o senhor não reagiu às agressões sofridas e ao desacato do homem que perturbou, assustou e ainda causou danos na sala de espera do consultório? Por que ficou quieto diante de tanta provocação e agressão?”

Dr. Messias respondeu para a enfermeira: “Você viu o grande mal que um homem desequilibrado causou no consultório; assustou a todos, quebrou móveis e objetos, tentou nos agredir; enfim, fez muita confusão! Imagine dois homens em desequilíbrio, o grande mal que fariam a todos nós.”

Histórias do dia-a-dia, Dival Buense, DPL Editora SP/2002.

TEMA 41

HISTÓRIA DE UMA MÃE

Havia uma sofredora mulher que velava aflita à cabeceira do filhinho doente, quando a Morte chegou para buscá-lo. Sem que ela pudesse ensaiar qualquer defesa, a Morte arrebatou o menino da cabana.

Desesperada, a mãezinha saiu a gritar para reaver o pequenino, mas a morte veloz desaparecera. Chorando, avançou a infeliz, estrada afora, quando, em plena noite, encontrou uma mulher que poderia encaminhá-la; esta, todavia, em troca da informação, pediu-lhe cantar todas as canções com que a pobre embalava o filhinho. Embora em lágrimas, ela repetiu todas as cantigas com que afoagava o pequenino, ao pé do berço.

A mulher ensinou-lhe, então, que a morte se dirigira para certo espinheiro. A pobre mãe alcançou-o, mas o espinheiro, para ajudá-la, exigiu que ela o abraçasse. Sem vacilar, a desditosa mãezinha enlaçou-o, aquecendo-lhe os espinhos que a noite enregelara... Quando o seu corpo já se mostrava coberto de chagas, o espinheiro explicou que a morte seguira no rumo de grande lago. A peregrina, ensangüentada, chegou ao lago, mas o lago fazia coleção de pérolas e, para prestar-lhe o serviço, pediu-lhe os belos olhos. A infortunada viajante arrancou os próprios olhos e lhos deu. O lago, deste modo, transportou-a, ferida e cega, para o outro lado da Terra, onde a morte costumava guardar as criancinhas.

Era um grande cemitério, guardado por monstruosa mulher que, para ensinar-lhe o lugar exato onde a Morte aportaria naquela noite, lhe reclamou a linda cabeleira.

Sem qualquer hesitação, ela deixou-se tosar e, logo após, quase irreconhecível, foi colocada em posição de perceber a chegada do pequeno que procurava.

Esperou... Esperou...

Em dado instante, ouviu que a Morte regressava com os meninos que recolhera.

Atenta, escutava as vozes diversas, qual se registrasse a presença de um bando de passarinhos, quando, dentre todas, distinguiu o choro de seu próprio filho e, apesar de cega, avançou para ele, gritando, jubilosa:

- Meu filhinho!... Meu filhinho!... – E agarrou-o nos braços, a beijá-lo, enternecidamente.

A própria Morte, emocionada, perguntou-lhe então :

- Como fizeste para chegar aqui, antes de mim ?

Ela, chorando e rindo, pôde apenas dizer:

- Sou mãe.

TEMA 43

PORQUE IR AO TEMPLO RELIGIOSO?

Um frequentador de uma igreja escreveu a seguinte mensagem para um jornal:

"Eu tenho ido ao templo por 30 anos e durante este tempo devo ter ouvido umas 3.000 pregações. Mas, com exceção de uma ou outra, eu não consigo lembrar da maioria delas. Por isso, acho que estou perdendo meu tempo e os que pregaram também estão desperdiçando o deles".

Essa matéria divulgada no jornal gerou uma grande discussão resultando em uma sábia resposta de um leitor, igualmente divulgada nos seguintes termos:

"Estou casado há mais de 30 anos e durante esse tempo minha esposa deve ter cozinhado umas 9.000 refeições. Mas, com exceção de uma ou outra, eu não consigo me lembrar da maioria delas. Mas de uma coisa eu sei: todas elas me nutriram, me alimentaram e me deram a força necessária para fazer minhas atividades. Sem essas refeições, eu e nossos filhos estaríamos desnutridos, fracos, desanimados e mortos. Da mesma maneira, se eu não tivesse ido templo religioso para alimentar minha vida, minha alma e a da minha família, estaríamos hoje mortos espiritualmente".

Portanto, não deixe de estar em comunhão com seu templo religioso. Encorajemo-nos uns aos outros. A persistência é o que alimenta os resultados.

(Texto esperso)

TEMA 44

ÁGUIA ENTRE GALINHAS

Um certo homem, enquanto caminhava pela floresta, encontrou uma pequena águia. Levou-a para casa, colocou-a no seu galinheiro, onde logo ela aprendeu a se alimentar como as galinhas e a se comportar como estas.

Um dia, um naturalista que ia passando por ali perguntou-lhe por que uma águia, a rainha de todos os pássaros, deveria ser condenada a viver com as galinhas.

- Depois que dei comida de galinha e a eduquei para ser uma galinha, ela nunca aprendeu a voar, replicou o dono. – Ela se comporta como uma galinha; não é mais uma águia.

- Mas... – Insistia o naturalista - ... Ela tem coração de águia e certamente poderá aprender a voar.

Depois de falar muito sobre o assunto, os dois homens concordaram em descobrir se isso seria possível. Cuidadosamente, o cientista pegou a águia nos braços e disse:

- Você pertence ao céu e não à terra. Bata bem as asas e voe.

A águia, entretanto, estava confusa; não sabia quem era e, vendo as galinhas comendo, pulou para juntar-se a elas. Inconformado, o naturalista levou a águia no dia seguinte para uma montanha alta. Lá segurou a rainha dos pássaros bem no alto e encorajou-a de novo, dizendo:

- Você é uma águia. Você pertence ao céu e não à terra. Bata bem as asas agora e voe.

A águia olhou em torno, olhou para o galinheiro e para o céu. Ainda não voou. Então o cientista levantou-a na direção do sol, e a águia começou a tremer. Lentamente abriu as asas. Finalmente, com um grito de triunfo, levantou vôo para o céu.

Pode ser que a águia ainda se lembre das galinhas com saudades; pode ser que ainda ocasionalmente torne a visitar um galinheiro. Mas até onde foi possível saber, nunca mais voltou a viver como galinha. Ela era uma águia, embora tivesse sido mantida e domesticada como galinha.

Será que, sendo águias, estamos vivendo entre galinhas? Viver é ter coragem, é assumir, é ser consciente, é ser alguém, sem ser apenas mais um. O que mais precisamos na vida é de alguém que nos leve a realizar o que podemos fazer, ou seja, a voar como águias.

Nisso reside a função de um amigo.

100 Estórias de Vida e Sabedoria, Osvino Toillier (org.) – Edit. Sinodal - 2007

TEMA 45

A LEMBRANÇA E O SAL

Chego em Madri às oito da manhã. Vou ficar apenas algumas horas, não adiantaria telefonar para os amigos, marcar com eles algum encontro. Resolvo caminhar sozinho por lugares de que gosto, e termino num banco do Parque Retiro.

- Você parece que não está aqui – disse um velho, sentando-se ao meu lado.

- Estou aqui – respondo a ele. – Só que há doze anos, em 1986. Sentado neste mesmo banco com um amigo pintor, Anastásio Ranchal. Nós dois estamos olhando minha mulher, Christina, que bebeu além da conta, e está fingindo que dança flamengo.

- Aproveite – disse o velho. – Mas não esqueça que a lembrança é como o sal: a quantidade certa dá tempero à comida, mas o exagero estraga o alimento. Quem vive muito no passado, acaba sem presente para recordar.

Histórias para pais, filhos e netos, Pa

TEMA 47

O SERVIÇO DA PERFEIÇÃO

Um velho oleiro, muito dedicado ao trabalho, certa feita, adoeceu gravemente e entrou a passar enormes necessidades.

Os parentes, aos quais ele mais servira, moravam em regiões distantes e pareciam haver perdido a memória...

Sem ninguém que o auxiliasse, passou a viver da caridade pública, mas, quando esmolava, caiu na via pública e quebrou uma das pernas, sendo obrigado a recolher-se à cama, por longo tempo.

Chorando, amargurado, fez uma prece e rogou a Deus alguma consolação para os seus males.

Então, dormiu e sonhou que um anjo lhe apareceu, trazendo a resposta pedida.

O mensageiro do Céu conduziu-o até o antigo forno em que trabalhava, e, mostrando-lhe alguns formosos vasos de sua produção, perguntou:

– Como é que você conseguiu realizar trabalhos assim tão perfeitos?

O oleiro, orgulhoso de sua obra, informou:

– Usando o fogo com muito cuidado e com muito carinho, no serviço da perfeição. Alguns vasos voltaram ao calor intenso duas ou três vezes.

– E sem fogo você realizaria a sua tarefa? – indagou, ainda, o emissário.

– Nunca! – respondeu o velho, certo do que afirmava.

– Assim também – esclareceu o anjo bondoso -, o sofrimento e a luta são as chamas invisíveis que Nosso Pai Celestial criou para o embelezamento de nossas almas que, um dia, serão vasos sublimes e perfeitos para o serviço do Céu.

Nesse instante, o doente acordou, compreendeu a Vontade Divina e rendeu graças a Deus.

TEMA 48

DEUS RESPONDE SEMPRE

Quantas vezes você já dirigiu uma prece a Deus e não recebeu resposta?

Não é raro pedirmos pela recuperação da saúde de um familiar, e mesmo assim ele morre.

Acreditamos que Deus não nos ouviu.

Pedimos auxílio ao Pai celestial para as nossas dores. E muitas vezes as dores aumentam, levando-nos quase ao desespero.

No entanto, os que têm fé afirmam que Deus sempre responde às nossas orações. Será mesmo?

Emy tinha apenas 3 anos de idade. Vivia em um lugar maravilhoso dos Estados Unidos, em frente ao mar.

Sua família era cristã. Ela fora alimentada, desde o berço, por orações e Evangelho.

A família ia ao templo religioso e fazia, no lar, o estudo sistemático do Evangelho.

Emy amava sua família e admirava os olhos azuis de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos.

Todos, em sua casa, tinham olhos azuis. Todos... menos Emy!

O sonho de Emy era ter olhos azuis da cor do céu. Como ela desejava isso!

Certo dia, na escola de evangelização, ela ouviu a orientadora dizer que Deus sempre responde a todas as orações. Passou o dia pensando nisso.

À noite, na hora de dormir, ajoelhou ao lado da sua cama e orou.

Sua prece foi um misto de gratidão e de solicitação:

“Senhor Deus, agradeço porque você criou o mar que é tão grande. Tão bonito e tão feroz. Agradeço pela minha família. Agradeço pela minha vida. Gosto muito de todas as coisas que você faz. Mas, eu gostaria de pedir, por favor, quando eu acordar amanhã, descobrir que os meus olhos ficaram azuis como os de minha mãe.”

Ela acreditou que daria certo. Teve fé. A fé pura e verdadeira de uma criança.

Pela manhã, ao acordar, correu para o espelho e olhou. Abriu bem os olhos e qual era a cor deles?

Bem castanhos! Como sempre haviam sido.

Bom, naquele dia, Emy aprendeu que “**não**” também era resposta. Do mesmo modo, agradeceu a Deus. Mas não entendia muito bem porque ele não a atendeu.

Os anos se passaram. Emy cresceu e se tornou missionária, na Índia.

Entre outras atividades, ela se devotou a resgatar crianças que eram vendidas pelas suas próprias famílias, que passavam fome.

Para isso, ela precisava entrar nos mercados infantis, onde aconteciam as vendas.

Naturalmente, para as comprar para Deus, como dizia, precisava não ser reconhecida como estrangeira.

Então ela passava pó de café na pele, cobria os cabelos, vestia-se como as mulheres do local.

Desta forma, entrava nos mercados de crianças, podendo transitar tranqüila, pois aparentava ser uma indiana.

Certo dia, uma amiga olhou para ela disfarçada e lhe disse: Puxa, Emy! Você já pensou como faria para se disfarçar se tivesse olhos claros como todos os de sua família?

Que Deus inteligente, não? Ele deu a você olhos escuros, pois sabia que isso seria essencial para a missão que lhe confiou.

O que a amiga não sabia é que Emy chorou muitas noites, em sua infância, por não ter olhos azuis...

* * *

Deus está no controle de tudo. Ele conhece cada lágrima que já rolou dos seus olhos.

Ele sabe que talvez você desejasse olhos de outra cor, ou cabelos mais lisos, ou encaracolados, ou mais espessos.

Não chore se os seus olhos continuam castanhos ou azuis, ou pretos, e você os deseja de outra cor.

Não se entristeça se você ainda não foi atendido como gostaria.

Tenha certeza: Deus tem o controle de tudo.

E o “**não**” de Deus, hoje, em sua vida, é o melhor para você.

Redação do Momento Espírita com base em história de autoria ignorada pela Equipe.

TEMA 49

DAR E DEIXAR

Quando Cirilo Fragoso bateu às portas da Esfera Superior e foi atendido por um anjo que velava, solícito, com surpresa verificou que seu nome não constava entre os esperados do dia.

– Fiz muita caridade – alegou, irritadiço –, doei quanto pude. Protegi os pobres e os doentes, amparei as viúvas e os órfãos. Quanto fiz lhes pertence. Oh! Deus, onde a esperança dos que se entregaram às promessas do Cristo?

E passou a choramingar em desespero, enquanto o funcionário celestial, compadecidamente, lhe observava os gestos.

Fragoso traduzia o próprio pesar com a boca, no entanto, a consciência, como que instalada agora em seus ouvidos, instava com ele a recordar.

Inegavelmente, amontoara vultosos bens. Atingira retumbante êxito nos negócios a que se afeiçoara e desprendera-se do corpo terrestre no cadastro dos proprietários de grande expressão. Não conseguira visitar pessoalmente os necessitados, porque o tempo lhe minguava cada dia, na laboriosa tarefa de preservação da própria fortuna, jamais obtivera folgas para ouvir um indigente, nunca pudera dispensar um minuto às mulheres infelizes que lhe recorriam à casa, entretanto, prevendo a morte que se avizinhava, inflexível, organizara generoso testamento. E assim, agindo à pressa, não se esquecera das instituições piedosas das quais possuía vago conhecimento, inclusive as que ele pretendia criar. Por isso, em quatro dias, dotara-as todas com expressivos recursos, encomendando-se lhes às preces.

Não se desfizera, pois, de tudo, para exercer o auxílio ao próximo? Não teria sido, porém, mais aconselhável praticar a beneficência, antes da atribulada viagem para o túmulo?

Notando que o coração e a consciência duelavam dentro dele, rogou à entidade angélica tornasse em consideração a legitimidade das suas demonstrações de virtude, reafirmando que a caridade por ele efetuada deveria ser passaporte justo ao acesso ao paraíso.

O benfeitor espiritual declarou respeitar-lhe o argumento, informando, porém, que só mediante provas tangíveis advogar-lhe-ia a causa, junto aos poderes celestes. Trouxesse Fragoso a documentação positiva daquilo que verbalmente apontava e defender-lhe-ia a entrada no Paço da Eterna Luz.

Cirilo deu-se pressa em voltar à Terra e, aflito, extraiu as notas mais importantes, com

referência aos legados que fizera às associações pias, presentes e futuras, nas derradeiras horas do corpo, e retornou à presença do amigo espiritual, diante de quem leu em voz firme e confiante:

– Para os velhinhos de diversos refúgios, deixei quatrocentos mil cruzeiros.

Para os doentes de várias agremiações, deixei oitocentos mil cruzeiros.

Para a instalação de um hospital de câncer, deixei seiscentos mil cruzeiros.

Para a fundação do Instituto São Damião, em favor dos leprosos, deixei trezentos mil cruzeiros.

Para a assistência à infância desvalida, deixei quinhentos mil cruzeiros.

Para meus empregados, deixei quatro casas e seis lotes de terras, no valor de um milhão e duzentos mil cruzeiros.

Em mãos do meu testamenteiro, deixei, desse modo, a importância total de três milhões e oitocentos mil cruzeiros, para a realização de boas obras.

Terminada a leitura, reparou que o anjo não se mostrava satisfeito.

Em razão disso, perguntou, ansioso:

– Não terei cumprido, assim, os preceitos de Jesus?

O interpelado, porém, aclarou, triste:

– Fragoso, é preciso pensar. Segundo o Evangelho, bem-aventurado é aquele que dá com alegria. Mas, realmente, você não deu. Suas anotações não deixam margem a qualquer dúvida. Você simplesmente deixou. Deixou, porque não podia trazer.

E porque Cirilo entrasse em aflitiva expectativa, o anjo rematou:

– Infelizmente, seu lugar, por enquanto, ainda não é aqui!

De conformidade com os ensinamentos do Mestre Divino, onde situamos o tesouro de nossa vida aí guardaremos a própria alma. Seu testamento não exprime libertação. Quem dá, serve e passa. Quem deixa, larga provisoriamente. Você ainda não se exonerou das responsabilidades para com o dinheiro. Volte ao mundo e ampare aqueles a quem você confiou os bens que lhe foram emprestados pela Providência Divina e, ajudando-os a usá-los na caridade verdadeira, você conhecerá, com experiência própria, o desprendimento da posse. A morte obrigou-o a deixar. Agora, meu amigo, cabe-lhe exercitar a ciência de dar com alma e coração.

Foi assim que Cirilo Fragoso, embora acabrunhado, regressou à esfera dos homens, em espírito, a fim de aprender a beneficência com alicerces na renúncia.

TEMA 51

O VISITANTE

Em uma cidade dos Estados Unidos, durante um dia de inverno com muita neve e frio, Jane foi à sua caixa de correio, em frente da casa, verificar se tinha alguma correspondência e lá encontrou somente uma carta. Ela pegou-a e observou que não havia nem selo nem qualquer outro carimbo do correio.

Abriu o envelope e leu a carta:

“Querida Jane:

Deverei estar na sua vizinhança no sábado à tarde e gostaria de visitá-la.

Com amor, Jesus”.

Com as mãos trêmulas ela colocou a carta em cima da mesa e pensou: “Por que iria Jesus visitar-me? Eu não sou ninguém especial. Eu não tenho nada para oferecer”.

Com esse pensamento, Jane lembrou de sua cozinha com armários vazios.

“Oh, Meu Deus, eu realmente não tenho nada para oferecer! Tenho que correr para o supermercado e comprar alguma coisa para o jantar.”

Ela procurou em sua bolsa e viu que tinha somente dez reais e oitenta centavos. “Bem, pelo menos posso comprar um pouco de pão e alguns frios.”

Vestiu seu sobretudo e correu para as compras. Alguns pães, 250 gramas de peito de peru fatiado e uma caixinha de leite... deixaram Jane com apenas 12 centavos.

Apesar de tudo, sentiu-se bem, voltando para casa com aquela pequena oferenda debaixo do braço.

No caminho, uma voz:

- “Ei, senhora, pode nos ajudar?”.

Jane estava tão absorvida em seus planos para o jantar que nem notou duas figuras aconchegadas uma à outra na alameda. Um homem e uma mulher, ambos vestidos com não mais que uns farrapos.

- “Olhe, senhora, eu estou desempregado, sabe, e minha mulher e eu estamos vivendo

ao relento, e o tempo está se tornando muito frio e estamos sentindo muita fome. Se a senhora pudesse nos ajudar, ficaríamos realmente muito felizes.”

Jane olhou para os dois. Eles estavam sujos e cheiravam mal e, francamente, ela estava certa que eles poderiam conseguir algum tipo de trabalho se realmente quisessem.

- “Senhor, eu gostaria de ajudá-los, mas sou uma pobre mulher. Tudo o que tenho é um pouco de frios fatiados e um pouco de pão, e tenho uma visita muito importante para o jantar desta noite e estava planejando servir isto para Ele.”

- “Sim, está certo, senhora, eu compreendo. De qualquer forma, muito obrigado.”

O homem colocou suas mãos no ombro da companheira e seguiram em frente. Olhando-os partir, Jane sentiu uma dor familiar em seu coração:

- “Espere senhor!”.

O casal parou e virou-se para ela, que corria até eles.

- “Olhe, por que você não fica com este alimento?”

Eu arranjo outra coisa para servir ao meu convidado.”

Ela deu a homem sua sacola de supermercado.

- “Obrigado, senhora, muito obrigado.”

- “Sim, muito obrigada” – disse a esposa. Jane percebeu que ela estava tiritando de frio.

- “Sabe, eu tenho outro sobretudo em casa. Aqui está este para você.”

Desabotoou o casaco e colocou-o sobre os ombros da mulher.

Então, sorrindo, voltou-se e foi embora alameda abaixo, sem seu casaco e sem os alimentos para servir a seu convidado.

Jane estava congelando sem seu casaco e muito preocupada. O Senhor estava chegando para visitá-la e ela não tinha nada para lhe oferecer.

Ela remexia em sua bolsa para achar a chave de casa, quando percebeu que tinha ouro envelope em sua caixa de correio.

“Isto é estranho. O carteiro não costuma vir duas vezes no mesmo dia.”

Ela pegou o envelope e abriu-o.

- “Querida Jane:

Foi bom vê-la novamente. Obrigado pela adorável comida. E obrigado também pelo adorável casaco.

Com amor, sempre. Jesus.”

O ar estava frio mas, mesmo sem casaco, Jane não notou.

Histórias do dia a dia, Dival Buense, DPL Editora / 2002.

TEMA 52

PROJETO DE VIDA

“O amor aos bens terrenos constitui um dos mais fortes óbices ao vosso adiantamento moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destruí as vossas faculdades de amar, com as aplicardes todas às coisas materiais. “Lacordaire – (Constantina, 1863)

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. XVI – item 14

Materialismo é o estado íntimo que estabelece a rotina mental da esmagadora maioria das mentes no plano físico, focando os interesses humanos, exclusivamente, naquilo que fera os cinco sentidos. Posturas e noções culturais se desenvolvem a partir desse estado levando a criatura a adotar o mundo das sensações corporais como sendo a única realidade.

O materialismo tem como base efetiva o sentimento de segurança e bem-estar, expresso comumente por vínculos de apego e posse. Os reflexos mais conhecidos desses vínculos afetivos com a vida material são a dependência e o medo, respectivamente.

Em essência, o interesse central de todo materialismo é tornar a vida uma permanência, manter para sempre o elo com todas as criações objetivas que lhe “pertencam”, sejam coisas ou pessoas. Contudo, a vida é regida pelo Lei da Impermanência. Tudo é transformação e crescimento. Algumas palavras que asseguram uma linha moral condizente com essa Lei são: maleabilidade, incerteza, relativização, diversidade, ecletismo, pluralismo, alteridade, desprendimento, fraternidade, amor.

A volta do homem à vida corporal tem por objetivo o seu melhoramento, o engrandecimento de seus conceitos ainda tão reduzidos pela ótica das ilusões terrenas. Compreender que é um binômio corpo-alma, que tem um destino, a perfeição, e que a vida na Terra é um aprendizado são as lições que lhe permitirão romper com os estreitos limites da visão materialista.

Semelhantes conquistas interiores exigem preparo e devotamento a fim de consolidarem-se como valores morais, capazes de levá-lo a cultivar projetos enobrecedores com os quais possa, pouco a pouco, renovar seus hábitos de vida.

Muito esforço será pedido para o desenvolvimento dessas qualidades espirituais no coração humano.

Uma semana na Terra é composta por dez mil e oitenta minutos. Tomando por base

noventa minutos como o tempo habitual de uma atividade espiritual voltada para a aquisição de noções elevadas, e ainda levando em conta que raramente alguém ultrapassa o limite de duas ou três reuniões semanais, encontramos um coeficiente de no máximo duzentos e setenta minutos de preparo para implementação da renovação mental, ou seja, pouco menos de três por cento do volume de tempo de uma semana inteira. São nesses momentos que se angaria forças para interromper a rotina mental do homem comum.

Por isso necessitamos tanto das tarefas espíritas para fixar valores, desenvolver novos hábitos e alimentar a mente de novas forças, tendo em vista a espiritualização a qual todos devemos buscar em favor da felicidade e da paz.

A superação da rotina materialista exige esforço, mas também metas, ideais, comprometimento.

Por isso a melhora espiritual não pode circunscrever-se a práticas religiosas ou a momentos de estudo e oração. Imperioso será assumirmos o compromisso de mudança e elevação conosco mesmo, senão tais iniciativas podem reduzir-se facilmente a experiências passageiras de adesão superficial, sem raízes profundas nas matrizes do sentimento.

A reforma íntima solicita fazer de nossas vidas um projeto. Um projeto de cumplicidade e amor!

Projeto de vida é o outro nome da “religião íntima”, a “religião da atitude”, do comprometimento. Sem isso, como esperar que a simples frequência aos serviços do bem, na fileiras da caridade e da instrução, sejam suficientes para renovar a nossa personalidade construída em milênios de repetição no “amor” aos bens terrenos?

E um projeto de mudança espiritual não será tarefa infantil de traçar metas imediatistas de fácil alcance para causar-nos a sensação de que aprimoramos com rapidez, mas sim o resultado do esforço pessoal em sacrificar-se por ideais que motivem o nosso progresso e que, a um só tempo, constituam a segurança contra o desânimo e a invigilância. Ideais esses que se apresentam sempre à nossa caminhada como convites da Divina Providência para que possamos sair do “lugar comum” à maioria das criaturas. Razão pela qual sempre encontraremos obstáculos e pedregais nas sendas da renovação espiritual.

Isso porque aquele que realmente se eleva não deixa de causar mudança no meio onde estagia, atraindo para si todas as reações favoráveis e desfavoráveis aos ideais de ascensão. Isso faz parte de todo processo de espiritualização.

Não há como não haver reações que, por fim, podem, algumas vezes, ser sinais de que nos encontramos em boa direção...

Cumplicidade e comprometimento são as palavras de ordem no desafio do

autoburilamento.

Evitemos, assim, confundir a simples adesão a práticas doutrinárias ou ainda o acúmulo de cultura espiritual como sendo iluminação e adiantamento, quando nada mais são que estímulos valorosos para o crescimento.

Lembremos que só terão valor real, na nossa libertação, se deles soubermos extrair a parte essencial que nos compete interiorizar no fortalecimento de nosso projeto de vida no bem.

Lacordaire é muito lúcido ao afirmar que destruímos as faculdades de amar quando as reduzimos aos bens materiais.

O cultivo da paixão ao adiantamento espiritual é a solução para todos os problemas da humanidade terrena, e o único caminho para um mundo melhor. Quando aprendemos isso, verificamos que a existência, mesmo que salpicada de problemas e dores, tem luz e vida porque plantamos na intimidade a semente imperecível do **idealismo superior**, o qual ninguém pode nos roubar.

In: Reforma Íntima sem Martírio, Wanderley S. de Oliveira/Ermance Dufaux.

TEMA 1A/2021

DIAMANTE NAS SACOLAS

- Desmontem de suas montarias, encham suas sacolas com as pedras que há no chão e remontem, continuando a viagem. Ao amanhecer, vocês estarão tristes e alegres ao mesmo tempo.

Alguns desmontaram; outros não.

Uns pegaram muitas pedras; outros poucas.

Sem muita demora, seguiram viagem.

Ao amanhecer, conforme a voz anunciara, estavam alegres e tristes a mesmo tempo.

Alegres, porque não eram pedras comuns: eram diamantes; tristes, porque ficaram arrependidos de não ter recolhido maior quantidade de pedras...

100 Estórias de Vida e Sabe Doria, Osvino Toillier (org.) – Edit. Sinodal - 2007